

C



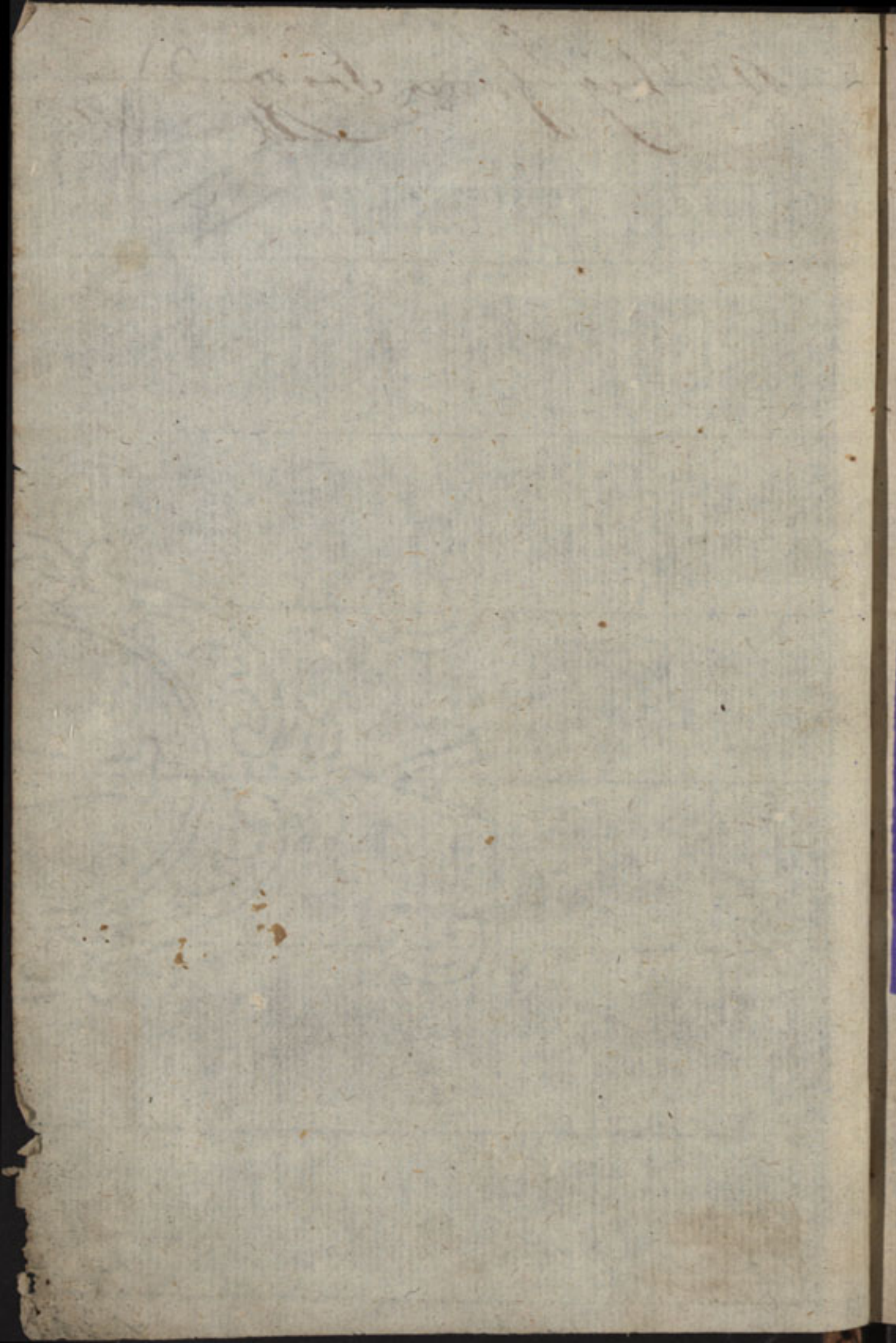
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Faculdade de Letras



1316750092

Mr Miguel Gomez Soarez *gr.*

CF
B
2
7



~~Antiquaria Não de Lisboa~~
DISCURSO SOBRE
A VIDA, E MORTE, DA
SANTA ISABEL RAINHA DE
Portugal, & outras varias Rimas.

~~Manoel de Lyra~~
Por Vasco Mouzinho de Castelbranco.

Dirigido ao Excellentissimo Senhor Duque, Doms
Alvaro de Lancastre.

525

INSTITUTO DE HISTÓRIA
DA EXCELLENTE
ALJAMA
- Coimbra
Rua de...



Impresso com licença do Sancto Officio. E del R.
EM LISBOA
Por Manoel de Lyra, anno. de 1588

Acosta de Estevão Lopez mercader

A VIDA E MORTALIDADE
DA NAVE A SERRA DE MAR
PORTUGAL & OUTRAS VARIAS LINGUAS
Por Vasco de Gama
Dirigido ao Exceleximmo Senhor Duque de
Alentejo



Estimado
Café
X...
...
...
...
...

Impresso e vendido no Senado da Câmara de Lisboa
EM LISBOA
Por Manoel de L...
...
...
...
...

Vestes dous liuros de Vasco Mouzinho de Castelbranco, hum intitulado discurso sobre a vida, & morte de santa Isabel Rainha de Portugal, outro de Romances, & varias poesias, assim como vão nã tem cousa algũa contra a nossa santa fee & boes costumes. Podense imprimir.

Frey Manoel Coelho.

Vista a informaçam podem se imprimir estes dous liuros, & de pois impresso, tornen a este conselho pera se conferirem com os originaes, & se dar licenca pera correr Em Lisboa. a 5. de Marco. de 96.

Obispo de lvas. Dioguo de souza. Marcosteixeira.

Podese imprimir vista a licenca q̃ oferece do Ordinario, & dos deputados do sancto Officio, & como foy visto na mesa. Em Lisboa a 17. de Outubro. de 1596.

Pereyra. Damião. D'Aguiar. Fonseca.

*Ao Excellentissimo Senho Duque Dom
Aluaro de Lancastre.*



Veyxouse Theophrasto, morrendo, da Natureza, porque dera aos homens tão curta vida, & à muytos animaes tão larga, sendo a daquelles de tanto proueyto, & a destes de tão pouco fruyto. Onde nasceo em todos, logo còs primeyros annos hum dezejo de perpetuarem a memoria que o temor da morte cada hora lhe sepultaua, porque se vamos à qualidade das cousas q̃o engen ho, & arte trouxe á luz, para perfeytas requerião muyto tempo de inuencão, & muyto de lima, para que com este credito de annos apparecessen no cabo confiadas, à isto resistiõ. a breuidade da vida desculpádo atreuimētos como os meus a quem o pouco tempo de experiencia culpa. Este valha-
coutho tem todos em geral, mas eu d'outro me valho maes seguro, que minha ventura me deu, qual hē estar de baxo do amparo de V. Exelencia com obrigação de manifestar a gratidão que se deue à tanto bem, para que por esta veinha à merecer outra deste pequeno siruiço, prelude de maiores cousas, o qual inda que seja hum risco comparado còs grandes volumes que o Mundo leè, quicã o julgue alguẽm por risco de Apelles, & espero que se V. Exelência, o tiuer por este fie de minha mão pinturas de seu gosto pois sãõ me faltãõ as tatas que como seja natural nos Principes dezejarem correr apar co a Natureza, suprimdo com seus fauores faltas della, pois com azas nascei, & sãõ a fortuna tenho por dauãte, façame os ares liures de fallir dome d'algum peso, que me impede o vfo d'elles, para q̃ sãõ se queyxe aquelle moço d'Alciato.

*Dextera tenet lapidem, manus altera sustinet al
vt me pluma leuat, sic graue mergit on*

E custume V. Excellência tirar antes o impedimento à quem tem azas, & com elle não pode voar, que dar azas de nouo à quem as não tem, porque effe como nunca se viu cõ ellas vem à dar en outro lugar, & aquelle como tenha o voar por natureza, sabe os limites do ar, & guardase do fogo.

E tocando alguma cousa da obra, sempre tiue por accerta da aquella sentença de Horatio.

Omne tulit punctū qui miscuit vtile dulci,
Porque o vtil sem mistura de doce não diz oje com a condição, & natureza dos homens, & o doce sem o proueyto so não diz com a obrigação daquelle que escreue, branduras, desmayos, & deliquios de amor, não seruem maes que de facilitar corações à semelhantes cuydados, leuandonos apos si como Sereas á miseraucês naufragios, & desenganos do mundo com reprehensão de vicios aspera, seruem de cerrar os ouvidos à todos como as surdas aspides à voz do encantador, eu para fugir estes inconuenientes escolhi esta hystoria proueytosa em si pois he vida de hũa Santa Raynha, à quem os Principes tem obrigação de imitar, & V. Excellência principalmente pois he descendente seu, para que sendo a obra de minha parte doce satisfaca a Horatio, & ponha o risco por cima de todos, o que tambem me obrigoua lhe juntar essa variedade, assi porque ella soè de leyta, como porque defraudada de dous ou tres cantos que lhe cortey por causas não podia fazer por si cabeça, & quando não corresponder tanto com o que digo, pois em cousas proprias não ouue juizo claro desculpeme a breuide do tempo que nisto empreguey a interuallos de obrigações de estudo, com as quaes he bem daquy por diante corresponda soè, porque inda q̃ agora me mostre Poeta, fruydo recolhido na passada idade, espero cedo mostrarme Jurisulto fruyto desta.

Ao Leytor.

Os meus, erros digo, sam muytos, mas como os não conheço vao a seu saluo, que por isso tambem os offereço como retrato cometido a varios pareceres, & juizos (conselho & inuencão d'aquelle grande pintor) para que passando pello comū obelisco, venha eu a não passar por elles. Cō tudo não he bem fiquem sobre mi os da impressam pois sam alheyos, que tambem tantos juntos quebrarão o animo a quem o teuer de mo dar para mores cousas. Confesso que inda estes poderã ser menos, se eu fora maes sollicito em os atalhar, & se de industria (querendo quebrar com a Pœzia) por me cair da graça não pretendera desgraças suas, que en fim fica em parte afeada com estes que a ponto para desculpa dos que lhe forem offeyçoados, que quãto a mi como não grangeo venturas, nem as espero de trabalhos semelhantes, não ha que temer a vello s.

Erratas.

Fol. 5. pag. 1. lin. 9. nos. vos. fol. 9. pag. 1. lin. 9. chuã. fol. 13. pag. 1. lin. 4. esta este. & lin. 22. e ande. fol. 22. pag. 2. lin. 18. que quem. fol. 30. pag. 1. lin. 10. & menos. tirese o e. fol. 50 p. 1. lin. 9. humilde. fol. 51 pag. 2. lin. 10. Estremoz fol. 55. pa. 2. lin. 12. Dom com & lin. 20. clama chama. fol. 57. pag. 1. lin. 9. se te. fol. 74. pag. 2. lin. 10. qual me ve. fol. 83. pag. 1. lin. 12. vos lhe. fol. 86. pag. 1. lin. 6. cansa. fol. 111. pag. 2. lin. 7. tu su. fol. 132. pag. 1. lin. 15. males maes & pag. 2. lin. 5. em que veção muyto. fol. 133. pag. 1. lin. 34. que as treuas a terra vem & pag. 2. lin. 8. excite. fol. 137. pag. 1. lin. 17. me. tire.

CANTO
PRIME-
RO.



Furor de cantar Musa refrea
E destempera a tēperada Lyra:
Qual não sentindo a Nao soe a
Serea,

Antes por que tardou chora, & suspira.
Se quizeras chorar com larga vea,
Eu mesmo lamentando te seguir a
Que o remedio mais certo de alegrarme
Hè nunca de tristezas apartarme.

Busquei mil vezes gostos que cantasse
Com subido cothurno, & voz sonora,
Mas temi com razão que os estranhasse
Hum triste coração que sempre chora.
Que àquem triste se poem, & triste nasce.
Mudado o nome a rubicunda Aurora,
Sò tristezas & magoas agradarão
Quanto mais que ja gostos acabarão.

CANTO

Qual a experiencia certa alcançada
Na verde Era do triste velho abrigo,
Que se nhum vaso seu agoa se lança,
Co liquor, que inuentou o outro antigo.
Este se some, aquella so descansa,
Como triumphadora do inimigo,
Foge logo o prazer, & em seu lugar
Como mais natural fica o pezar.

Là neste tempo, que com torva fronte
Vae fugindo, á mil males condenado
Sera se for o bem, qual doce fonte,
No campo à branca Thetis consagrado.
E qual sò no Phenicio Orifonte
Mais alta entre o plumoso bando a lado,
Leuanta o voo aque abrazada, & morta,
Ontras ves se reforma, & os ares corta.

Por que não deces Nympha do alto Pindo
Pois d'elle enfim decer tanto te agrada,
Não leda como dantes nem sorrindo
Não de verde Era, nem de louro ornada,
Mas recolhido, & triste o gesto lindo
De funeral Cypreste coroada,
Tem assi, que meu bem nisso consiste
Pois o Ceo permitio, que seja triste.

Não ves de nossos tempos as mudanças,
 Transformações de Reynos, & de gentes,
 Mortes, desterros de huns, d'outros bonanças
 Mil confusões de tristes, & contentes.
 Corte de bem tessidas esperanças,
 Tela perfeita d'outras diferentes
 Casos de eterno, & de immortal espanto,
 E dignos de immortal, & eterno pranto?

Começar do destorço Lusitano,
 E ruina total da gloria altiva,
 Com que fez rico ao pobre Mauritano
 Sebastião cuja morte, inda oje he viua.
 Renouandose sempre de anno em anno
 Qual Agua, que no mar a idade auia
 Em outro mar de lagrimas, que chora,
 Quem se dezeja, & sua sombra adora.

Esforço emfim, no miserando estrago,
 La mais visto no mais mortal pirigo,
 Que cada qual mostrou naquelle trago
 Ter nos olhos, & na alma o ser antigo.
 Diuidas justas são a que eu não pago
 Nem satisfaço se o contrario sigo,
 Porem largo caminho ousado intento
 Insufriuel trabalho à hum fraco alento

CANTO

Melhor hê Portugal sofrer me agora
 E refrear adôr que me atormenta
 Que hum bem, que inda perdido algẽ adora
 Muysso lhe doe, se se lhe representa.
 Mas àquem sempre sente, & sempre chora
 Nem tem para hum soo gosto hũ hora isenta
 Mal podião siruir de noua pena
 As lembranças que minha dor lhe ordena.

Quanto mais que eu queria desta sorte
 Co estas palauras do intimo saidas
 Animar te à vingares tanta morte
 Inda que fosse a troco de outras vidas
 Que então passando pello mesmo corte
 Alegres ficarão de as ter perdidas
 As almas q em tão justa, & santa guerra
 Voarem para o Cèo, deixando a terra.

Perri Mussa, por ti ja não publico
 Esta tão triste & lastimosa historia,
 Inda que de pezares ande rico
 De prazeres farei larga memoria.
 Mas pois de teu furor forçado fico
 Para que ambos tenhamos nossa gloria
 Canta, & chora commigo juntamente
 Que pois tò peço en sei que se consente.

Assim canta a suaue Philomela
 Entre os ramos da verde, & fresca planta,
 E juntamente chora a forma bella,
 Mudada em pennas, para pena tanta.
 Assim tambem a que morreo com ella
 Lembrada destes dannos chora, & canta,
 Assim de sua morte vendo a hora,
 O Cisne docemente canta, & chora.

Eja que ei de cantar contentamentos,
 Que volua atras os olhos me he forçado
 Pois tudo quanto vejo são tormentos,
 Vos Isabel sereis o meu cuidado.
 Em vos empregarey meus pensamentos
 Sendo por vos meu canto celebrado
 Deyxando a parte a dor que me consume,
 Inda que he grande dor deyxar custume.

A vida de Isabel, & a morte canto,
 Entre nos morta, em Aragão nascida,
 Vida & morte de todo mundo espanto,
 De cuja gloria certa não duuida.
 Morre alegre quem passa a vida empranto,
 E aquem a vida he morte, a morte he vida
 Qual na vela se veê, que estando arden
 Quando à matais a vida tem morren

CANTO

O principio da Lusitana gente,
O novo mundo ja sem sombra escura,
O Sol ardendo logo no Oriente
As umbas de v'sso a inda sem figura,
Qual bercules prelude da Serpente,
No berço ainda, & ja com aventura,
Serà principio à minha illustre historia,
E se me não engano à minha gloria,

D' Afonso Rey primeiro discorrendo
(Quem nos louvores seus ficar pudera)
Pouco nos outros Reys me irei detendo,
Tê chegar á Dinis que ja me espera.
Dabi a insigne tela irei tessendo
Com quem não poderà Sachesis fera
Que inda que impedir possa a humana vida,
Não tem poder para que afama impida.

O vos Illustre rio em cujas agoas,
Para qualquer engenho historia bella,
Arderã ja n'hum tempo vinas fragoas
Por huã nobre fonte de Castella.
Tè que para remedio destas magoas,
Se forão misturar co as suas della,
Qual amoroso Alpheo, que não descansa
Tè que a fugitiua fonte alcança.

PRIMEIRO.

Este novo penhor vos offereço,
 Forçosa obrigação de animo grato,
 Por vosso, em toda a parte me conheço
 Como vosso ando, e como vosso trato.
 Vos lhe day o valor, o ser, e o preço,
 Vos ponde as cores a este nũ retrato
 Recolhei o senhor em quanto passa
 A desfeita tormenta, que a meaca.

Quando se encobre o ar, e o Sol se esconde
 De baxo da pesada nuue gressa,
 Quando o vento nas arvores responde,
 E os mais robustos braços lhe destroça.
 O louro busca o caminhante, a onde
 Escapar do soberbo rayo possa,
 Alli seguro passa a noyte escura
 Em quanto a cerração furiosa dura.

Em hum deserto triste inhabitado
 Sõ habitado da fera, e da serpente,
 Que assalteando às aues seu cuidado
 Suas casas tesser não lhe consente.
 Poem no mais alto a garça o ninho amado,
 Pellos ramos a mais plumosa gente
 Dalli vigia, dalli à tudo acode,
 Tè que voar co as Mães o parto pode.

CANTO

A toda novidade he necessario
 No principio fauor a que se arrima
 Que tudo no principio acha contrario
 Nem se conhece logo nem se estima.
 Mas por tempo depois he ordinario
 Qual precioso liquor vir sempre acima,
 Que o passaro nocturno tambem cae
 Que se não ve que delle a causa sae.

Em quanto he o menino fraco, & rude
 E sem arrimo ainda timido anda
 Não quer a Mãe piedosa, que se mude
 Sem ella para aquella ou estabanda.
 Mas como tem mais forsa, & mais virtude
 Já o larga, já o chama, & já o manda
 Os filhos a voar a Aguia ensina,
 Mas depois cada hum se determina.

Se vossas cousas não fauorecerdes
 Porque se cansa, quem por vos se cansa,
 Iustas são as merces, que me fezerdes
 Que em vos anchora só minha esperança.
 E pois que vos sirui nos annos verdes
 Nem os secos em mi farão mudança,
 Quem pega em muytos cabos, veda hū perto,
 Quando se afoga, tem orisco certo.

PRIMEIRO

5

Quantas vezes abrindo o Sol dourado,
 O mundo com a luz fermosa, & clara,
 Sae o Lynce à comer a hum fresco prado,
 Aque logo por outro desampara.
 E co dezejo de melhor leuado,
 Deixa aquelle, busca outro, em nenhũ para
 Te que à noyte forsado ja da fome
 Qualquer eruinha seca, & murcha come.

O Ceo que nos foy sempre tã propicio,
 E sempre acompanhou vossos intentos.
 Infalivel sinal, & certo indicio
 De vossos immortaes merecimentos.
 Vos alargue da vida o exercicio
 E à vossos queridos pensamentos,
 Que sem a chara, & vnica consorte
 Bem sei que a vida vos seria morte.

Mas que prospero rayo vem cortando
 Os ares leues para mi direito,
 Que quer dizer esta Aguia, que voando
 Tras delle vem com leuantado peito.
 Algũa grande cousa annunciando,
 Dece que sempre foy annuncio aceito,
 E quica o glorioso fim que aguardo
 Deixai-me ir prosiguindo, que ja tar

CANTO

Do Bethico Oceano, que seus braços,
 Foy tão longe estendêdo de onda, em onda,
 Que he necessario ao Sol dar novos passos
 Para que sem o ver nasca, ou se esconda.
 E tendo seus limites por escassos
 Quer noutra monte outro ecco lhe respondã
 Nasceo com larga vea hum grande rio
 Contra quem ja mais pode o ceco estio.

E depois de cortar o nobre assento
 Onde o sereno, & aureo Tejo bebem,
 Os animaes ligeiros, que da vento
 Se spira o manso Zephyro concebem.
 Onde o Mondego tem seu nascimento
 Onde os campos herculeos o recebem,
 Onde do Douro, & Minho a vea opima
 Correndo vae co saudoso Lima.

Não podendo ja ter sua corrente
 Com seus despojos alterado, & v fano
 Sae da madre, & passa ao occidente,
 Qual o Agypcio Nilo faz cada anno.
 Nem o grande calor da Lybia ardente
 Onde o Sol sempre foy menos humano
 Onde em lugar de fontes ardem fragoas,
 He deminnir lhe suas agoas.

PRIMEIRO.

Muytos vendo seu curso arrebatado
 Obstaculos lhe punhão de altos montes,
 Porque se fosse delles represado
 O mudassem para outros Orisontes,
 Mas tudo foy em vão, & naugado
 Já mais se vio de naos, nem sofreo pontes
 Saluo alguns troncos, q̃ enuoluendo molha,
 Sem raizes, sem flor, sem fruyto, & folha.

Despois que vio o leito onde repousa
 Fugindo a noyte o lucido Planeta,
 Como não sofra auer no mundo cousa
 Que não entre, não rompa, & acometa,
 Aos thalamos d' Aurora passar ousa
 A todos parte incognita, & secreta,
 Que tanto he mor agloria que se ganha
 Quanto he a causa della mais estranha.

E contra a natureza d' outros rios
 Que como entrão no mar desaparesem,
 Passou do Indo, & Roxo os senhorios
 Entre os quaes suas agoas se conbecem.
 A nobre Chersonesbo cujos fios
 D'ouro mais que os de Persia resplandecem
 Por fama de seus ricos campos chega
 E com alta corrente em torno a rega.

CANTO.

Pasmou o Ganges vendo tanta gloria,
 Tornando para tras te sua fonte
 Ea verde coroa por memoria,
 tirou da triste, & carregada fronte.
 Este desque ganhou tanta victoria
 Para que seu descanso tambem conte
 Fim de todos os rios verdadeiro
 Tornou agora à seu berço primeiro.

Este rio famoso em que me fundo
 Que saio das entranhas do mar alto
 E que oje torna ao mar rodeando o mundo,
 Como se inda esteuera d'agoas falto.
 He. nosso Portugal, & o mar profundo
 Castella foy, que com ligeyro salto
 Deyxou como cabeça dominando
 Agora me ouuireis o como, & quando.

De todos forão sempre engrandecidas
 As causas principaes donde nascerão
 Algũas grandes cousas, & subidas
 E que por fama, & nome se estenderão,
 Por que ainda que sejam conhecidas
 Por si, não pellas causas que teuerão
 Pois não podião ser senão por ellas
 Tanto custuma o mundo engrandecellas.

Louua se aquella parte do Oriente
 Donde o Sol lança ao mundo o claro dia,
 Louuase a concha a onde a transparente
 Perola fina se congella & cria.
 Quem fora pois tão habil, & eloquente
 De engenho tão subtil de tal valia
 Que igualara co canto & cõ a penna
 Do grãde Henrique a gloria mais pequena.

Fundamento primeiro de alta torre
 De hum rio perennal primeira fonte
 Henrique que co nome & fama corre
 Quanto co a luz o Pay de Phaetonte,
 De cujo esforço nunca o ecco morre
 Soando no apartado & alto monte
 De cujos feytos a cidade santa
 Ainda que oje chora inda oje canta.

La de hũa parte estranha & apartada
 Como a filha da terra nos publica
 Qual aruore que sendo trasplantada
 Mais copiosa mente fructifica.
 Ou qual be por veneno reprovada
 Em Persia & ca de nobre fructo rica
 De Portugal que â seu valor responde
 Vem com Teresa â ser primeiro cond

CANTO

Em varios pareceres diuididos,
 Escritores de fama varios forão
 De que nascão, & gente proauzidos
 São os que em Portugal habitão, & morão,
 Huns dizem que Troyanos persiguídos
 Nestes portos as rotas Naos anchorão,
 Outros dizem, que Gregos á tornada
 Interdictos aqui da patria amada.

Eu digo que nem Gregos nem Troyanos,
 Antes muyto mais alto a risca lanso:
 Por que estes padecerã muytos danos
 Ardendo em fogo todo seu descanso.
 A quelloutros puserão tantos annos
 Em os vencer, que de contallos canso,
 Mas Portugal não poem em vencer tanto
 Nem foy vencido, que he maior espanto.

E se há quem desmayado, & morto o lea
 Foy porque elle se deu as punhaladas,
 Dillo de Viriato a morte fea
 Depois de mil victorias alcançadas.
 E se Africa com elle oje se arrea
 Desauenturas são bem desculpadas,
 E porque me não culpem callar quero
 Por ir buscando o fim que achar espero.

PRIMEIRO.

8.

Nasce Afonso dos dous, bello minino
 Certo sinal, que de virtude trata,
 Que quando o rio he puro, & cristalino
 He sinal que as areas são de prata.
 E a quem quer mostrar seu amor diuino,
 O grão pintor, no rosto lho retrata,
 E quando o alto monte resplandece
 Sinal certo, que ja nos amanhece.

Mas como não ha cousa tão perfeita
 Que não tenha hũ senão, que em parte a fea
 Esta belleza sua he imperfeyta
 Qual como dizem soe a da Serea.
 Ou qual aue da grande Iuno aceita
 Em as pennas fermosa, & nos peês fea.
 Fez lhe a natura o edificio bello
 As columnas são fracas à so stello.

Lembrame aquella statua de grandeza
 Immensa como de horridos Gigantes,
 O corpo de tão uaria estranheza
 Os peês de barro tão disconcordantes,
 Respondanos agora a natureza
 Que intento tem em obras semelhantes,
 Saluo quiz sempre por no mesmo templo
 Com voluptia Angerona para exempl.

PRIMEIRO

Mas como o amor sem causa se exercita
 Mais que si mesmo, & com amago a crese
 Donde àquelle animal que nos imita
 O parto feo bello lhe parese.
 O amor em seu Ayo Afonso incita
 Co mal que inda não sente, & ja padese,
 E com sobejas lagrimas que chora
 O diuino fauor, & auxilio implora.

Ião o real Leão que no estrellado
 Monte, desperta à vida o morto dia
 A parte anterior tinha inclinado
 Como quem de correr desjalesia
 E o passaro à Pailas consagrado
 Sobre elle as asas trepidas batia,
 Quando os olhos Monis ao sonno entrega,
 Que com agoa do Lethe o molha & rega.

Se as cousas que o volubil pensamento
 De dia representã imaginando
 Ou sejam dores ou contentamento
 Essas o sonno traz quieto & brando,
 Se em sonhos sente sibilar o vento
 O que de dia foy o mar cortando
 Assim como o cuidado que trazia
 Este sonho à Monis apparezia.

Desfazia

+ Desfazia co a luz dos olhos bellos,
 As treuas tristes pella noyte escura,
 De modo, que se então pudera vellos
 Emcubrirase o Sol de enueja pura.
 Resplandescentes rayos seus cabellos,
 Enfim toda de estranha fermosura,
 Hũa Molher do Ceo, cà foy do mundo,
 Mas quando foy já era Ceo segundo.

E dizlhe huma voz qual entre as ramas,
 Na tarde do verão Zephyro manso
 Là que de coração, & amor me chamas,
 Nem das â tuas lagrimas descanso.
 Com remedio veras aquelle que amas
 Do doce filho meu remedio alcanço,
 Poem o que te mandar por obra logo,
 Que nem serà por agoa nem por fogo!

Vae a tal parte, & caua hum pouco espaço,
 Tê dares chum penhor, que muyto estima
 Leuantame hum altar, a hi nesse passo,
 E poem com grande fee Afonso emcima.
 Veras o que por elle, & por ti faço
 Pois tanto o que padece te lastima,
 Iulgaras, que mãos são de mor primor
 Em Deos, se as de justica, se as de amo

CANTO

Já Lotos suas folhas explicava,
 Que com a sombra escura encolhe, & aberta
 E o negro minino festejava
 A dezejada Mãe, co aboca aberta.
 Quando Monis cansado despertava
 Que para tanto gosto, & bem desperta,
 E ainda que senho lhe parece,
 Ao que em sonhos vio, logo obedce.

O Virgem pura, forte, & firme amparo,
 Consolação, & alegria nossa
 Em vos os tristes tem certo reparo
 Sempre foy certa apiedade vossa:
 Que pidireis senhora ao filho charo
 Que logo vos não dee, que daruos possa,
 Ficou Afonso são, & nos com gloria
 E para nos ficou disto a memoria.

Entre duas correntes ando incerto
 Vossos louvores se em silencio passe,
 Que dizer pouco fica descuberto
 O erro, & culpa, que dahi menasce.
 E quem calla diz tudo, pois he certo
 Que cobrio hum pintor chum veo aface
 Do Pay, que junto à morta filha assiste.
 Pintandoo para triste assi mais triste.

Desterre minha scè o vãõ receyo
 Pois o receyo em parte made terra
 Vos fostes Virgem soo por cuyo meyo
 Para nos se ajuntou o Ceo co a terra.
 Que estando o Ceo da terra tão alheyo
 Com vosco o que faltava fecha, & cerra,
 E esta conjunção de sorte estima
 Que muytas vezes poem a terra em cima.

Quam differente soys da May, que alterca
 Com a serpente, May, que o Pa y paristes,
 Ella faz com que a vida, & Deos se perca
 Vos trazeis Deos, & vida áos filhos tristes
 Ella com fogo o paraiso cerca,
 E vos com fogo o paraiso abristes,
 Igual soo, que vio morto o seu Abel,
 E vos o vosso bello, Emanuel.

Vos santa Virgem fostes a primeirã,
 Que estando o mundo em guerra q̃ o abarca
 Cessando logo, & sendo aderradeira
 Elle trouxeistes a paz de tanta marca.
 Qual Pomba, que co ramo da Ouliveira
 A segurança trouxe à timida Arca
 Que he Symbulo, que sempre a paz encerra
 De que agora se vê tão pobre a terra.

CANTO

Vos sois aquella gloriosa Garfa,
De mil segredos, & misterios cheia,
Que por mais, que com viuas chamas arsa
De verdes folhas muyto mais se arrea.
Ou qual do Simulacro a bella Garfa,
Que por mais, que por ella o fogo atea,
As azas pellos ares liure bate
Sem lhe impedir o fogo que as não trate.

Quam fermosa vos vio entre as estrellas,
Aquella Aguia de vista soberana,
Vossa cabeça coroada dellas
E vistida da luz donde aluz mana.
São as estrellas as virtudes bellas,
E o Sol vosso filho em carne humana
E a Lua que vio aos peës caida
Paixões que em vos a força tem perdida.

Todos nascem de Adão com hum ferrete
De escrauos da serpente que o engana
Mas por mais cabedal que nisso mete,
Menos com vosco pode, & mais se dana.
Porque se Deos de ionge vos promete,
No tempo que a castiga, & desengana,
Que aueis de por os peës nessa serpente,
Por vos primeiro os peës não se consente.

A maldie

A maldição que Deos lansou em pena
Da primeira molher às femeas tristes,
Não abraçeo a vos curta, & pequena
Por que sem dor nascido o filho vistes.
E juntamente o mesmo Deos ordena
Com que, ficando May Virgem paristes,
Como pella diaphana vidraça
Sem lesaõ sua o Sol fermoso passa.

Vos sois Virgem a horta celebrada,
Que entre alta cerca guarda as flores finas,
Cujos cheyro ficando ella cercada,
Se espalha pellas auras pirigrinas.
Tambem aquella fonte, que cerrada
Conserua as puras agoas cristalinas,
E o piuete de que o Ceo se admira
Cujos fumo de Deos quebranta a ira.

Não mais que se mais entro Virgem pura,
Não poderei sair apee, nem a nado,
Que vos sois o alto rio, que em figura
Vio la aquelle propheta arrebatado.
Que entrando mais achaua mor altura
Tè que se vio alli meyo afogado,
Sendolhe necessario atras dar volta
Por se ver liure da corrente solta.

CANTO

E pois Virgem sem vos ninguem se atreue,
 Com vosso filho em aspera conquista
 E seu amor lhe faz que as chagas leue
 Para que de piedade o Pay se vista.
 Que no ar em figura o arco escreue
 Prometendonos paz com sua vista
 Mostrailhe vos por nos os peitos bellos,
 Que eu figuro o perdão se chega à vellos.

Ia que tendes razão de asfigurar des
 A todos a passagem pirigosa,
 E seu partido em tudo sustentar des,
 Pois sois por natureza piadosa.
 Inda tendes maior, de conseruardes
 Portugal, que por vis o nome gosa
 Pois logo no principio restaurastes,
 Hum bem que sò por isso lhe quebrastes.

Comece com milagre o nascimento
 A que ha de responder tão alta vida
 Que logo se enxergou no fundamento
 A torre que ha de ser alta, & subida.
 E pois as largas velas me enche o vento
 Antes que acalme, & nauegar me impida
 Quero fazer ao mar abarca leue
 r que no mar toda a bonanca he breue.

E se no filho ao Pay sempre se espera
 Condición, & custume semelhante,
 Se do brauo Leão, Leão se gera,
 Se do grande Elephante, outro Elephante,
 Saluo se achar algum que degenera
 Para que como mostro nos espante,
 Nasceo Sancho tão forte, & tão valente,
 Que nem o forte Auoo nem o Pay mente.

Eis là de monte a monte, vae passando
 As ballizas do inuerno turbulento,
 E perdida acor propria, outra tomando,
 Entra Bethis no mar sanguinolento.
 As temerosas agoas espalhando
 Perturba todo o vitreo aposento.
 Teme Neptuno, & como May incerta,
 O minino a seus peitos lno aperta.

Afonso lhe succede a quem se entrega
 Húa villa real co afrota estranha
 Aquem ver a cidade o vento nega,
 Onde da terra, & Ceo gloria se ganha.
 Em dillatar o reino o tempo imprega
 Nem o Mour o furor seu braço acanha,
 Que apesar de mil mortes, & mil danos
 Estendeo os limites Lusitanos.

CANTO

Deste Sancho nasceo qual flor de inuerno
 In capaz do real sublime officio,
 Melhor para siruir o reyno eterno
 Metido nhum monastico excercio,
 Priuado por remisso do gouerno
 Foy de pois pello braço Pontificio,
 Que como hum forte Rey o reino exalta
 Assi torna a cair se este lhe falta.

Quem dezeja, que a noyte escura passe,
 Por enfermo quicà, quicà, por triste,
 E venha o Sol, que sempre tarde nasce
 Quando o remedio seu nelle consiste.
 Vendo da bella Aurora a roxa face
 Alegrase, & mais forte ádor resiste,
 Que como ella do leite vem primeiro
 Não deue tardar muyto o companheiro.

Tal eu em vendo Afonso, Pay daquelle
 Que de tão longe ja buscando venho,
 Alegrome, que tendo perto a elle
 Me parece, que perto o filho tenho.
 Por mais que me desfaca, & me desuelle
 Não poderâ chegar meu fraco engenho
 Onde sua menor virtude alcança
 não mudara a mor com a mudança.

Foy Conde viose Rey, custumes troca
 Etroca amor da misera consorte,
 Ainda que outro amor que mais lhe toca
 Lhe faz cortar por esta deste sorte.
 Amor de Portugueses o prouoca
 A quem dezeja como à seus por morte
 Deixar com nouo matrimonio herdeiros,
 Por não passar o reyno a estrangeyros.

Sendo infante casou chũa senhora
 Em Bolonha de graça, & fermosura
 De mil dotes ornada se não fora
 tão pouco graciosa co a ventura,
 Esperando co tempo, de hora em hora,
 Fruyto do matrimonio, que procura
 todo Animal por na tureza muyto,
 Passou sem fruyto os annos de seu fruyto.

Ador desta desgraça mitigaua
 Com a presença alegre, & vista vfanã
 D'aruore a cuja sombra descansaua,
 Que como sombra fugitiua engana.
 Triste que quando menos o cuidaua
 Quãdo atē por mais brãda, & mais humana
 Então a deixa por que mais a enoje
 E quanto mais a segue mais lhe foje.

CANTO 129

Portugal neste tempo determina
 Tirar a Sancho o Ceptro, Afonso chama,
 Que quanto acerta na elleicão lhe ensina
 De seus custumes a sublime fama.
 Por seu gouernador em tanto o assina,
 Em quanto o irmão, q̄ contra oreino clama
 Dura na vida, ou voluntario larga
 Dos fracos hombros seus tamanha carga.

Aceita Afonso alegre o pezo estranho,
 Que hōbros tem, que soster o mundo podē,
 Não se inclinão ja mais com ser tamanho
 Mas onde mais carrega mais acodem.
 Conhecem todos o dobrado ganho,
 E de todo aſſeicão do Irmão sacodem,
 Tambem Afonso dalma o amor lanſa
 De Matil de que ja de esperar cansa.

Espera cada dia que elle amande
 Chamar como ja la lhe prometera,
 E seu descuido co trabalho grande
 Desculpando com siq, mais espera.
 Mas vendo que por mais q̄ corra, & ai
 O tempo senão lembra, desespera,
 E de perto quer ver a crueldade
 Que não crê longe, nem se persuade.

Metese n'ua Nao, entrega ao vento
 As velas, & a ventura, que ja teme,
 Que quando está por vir qualquer tormento
 Logo o adeumba o coração, & treme.
 Em poucos dias fez no porto assento
 O mal afortunado, & triste leme,
 Sae a estrangeira triste, entra co Rey
 Que a feè lhe rompe, & quebra a firme ley.

As palauras que alli com elle teue
 Nem eu as sei, nem posso aqui escreuellas
 Que o lugar he pequeno, o tempo breue,
 E mais tempo, & lugar me pedem ellas.
 Alli lhe representa o que lhe deue
 E cos olhos chorosos nas estrellas
 Mil lastimas lhe diz, & o tempo antigo
 A memoria lhe traz como a inimigo.

Elle que toda a piedade esconde
 E de rigor se veste dentro, & fora
 A todas estas magoas não responde
 Mais, que ja longe de Bolonha mora.
 Que he Rey em Portugal, se fora Conde
 Que então fora cruel, se cruel fora,
 Mas que não se casando o Reyno perde
 Que lhe de manda successor, que o herd

CANTO.

Desta resposta a triste desconfia,
 E tornar-se outra vez por melhor acha
 La viueo te que a morte em terra fria,
 O peyto seu, sem appellar despacha.
 Concebe Afonso então noua alegria
 E seguranca co a segunda facba
 Que hum nõ de matrimonio so nos ata,
 Todo o mais de hum, em ves de atar desata.

Mas que monte he aquelle tão possante,
 Que por cima de todos arrebenta,
 He Olympo onde Ioue fulminante
 Não chega, onde não choue, onde não veta,
 He por ventura o celebrado Atlante
 Que nos hombros o Ceo firme sustenta
 Assoma o Pyrenè, ou o de Roma?
 Monte assoma, mas he Dinis que assoma.

Pois pensamento meu, que tão cansado
 Vens de correr hum pouco, aqui descansa
 Porque prosperamente tens chegado,
 Aonde te leuaua a esperança.
 Qua! Não que vendo o porto dezejado
 Abaixa as velas, e o ferro lança,
 Mas ainda que em porto agora estamos
 Não he o derradeiro que buscamos.

CANTO
SEGUNDO.



Vdo fez differēte o eterno intēto,
 Cā no mundo de todo tã perfeito
 Que cõ pouca razã, & fundamēto
 E mais soberbo q̃ prudente peyto;
 Ousou dizer o outro entendimento,
 Que pudera emmendar o que era feyto
 Se Deos quando o criou com tanta graça
 Seu conselho admitira, & sua traça.

Criou fontes, & rios, & aruoredos,
 Alegre alliuio àquelle que caminha,
 Tendidos campos, montes, & rochedos,
 Que o Ceo fingem n'hum delles se sostinha,
 Animaes com mil sortes de segredos,
 E formas como a seu saber conuinha
 Astutas Onças sabios, Elephantes,
 Lebres, fugaces, & Leões possantes.

Naf

CANTO

Na fabrica tambem do corpo humano
 Deste mesmo concerto, & ordem vsa
 Poem a razão no trono soberano
 Depois a turba de paixões confusa,
 Alegria, tristeza, amor tyranno,
 E temor, que o tyranno amor recusa,
 Pois não ha furioso mar que espante,
 Os fortes braços do Abydeno amante.

Faz no comun gouerno por remate
 Hum pequeno, outro grãde, outro prudẽte,
 E leuantalhe hum Rey para que ostrate
 Apremie castigue, em paz sustente,
 Este do modo, que na vida bate
 Assi responde o ecco na outra gente,
 E a tras como Sol verde Gigante,
 Esperay, & vereis de que Rey cante.

Dinis em quem cifrou a natureza
 Quantos dotes por todos espalbara,
 Obra gentil de que ella assi se preza
 Que por sua a publica, & a declara
 Foy à seu reino como facha aceza,
 Que a noyte escura, & tenebroza aclarã
 Ou qual misteriosa alta coluna,
 Na perigrinação tanto importuna.

Todo o Planeta para aquella parte
 Onde nasce Dinis o curso moue,
 Dalhe esforço, & valor o brauo Marte,
 Dalhe o Ceptro real ò summo loue.
 Mercurio lhe infunde engenho, & arte,
 Brandura graça, amor, Venus lhe choue,
 Nem estes dotes lhe fugirã logo,
 Como à Molher do roubador do fogo.

Quem mais compridas mãos, & largas teue,
 O Briareo, ou Gigas Centimano
 Que entrar ã môte em môte o Ceo se atreue
 E fazer dano onde não cabe dano.
 Aquelle que do mundo em tempo breue
 Foy senhor, & por mais suspira vfanõ
 E o que por perder o dia chora
 Fora asas liberal se tanto o fora.

Entre Afonso, & Fernando Castellanos,
 Hum espantoso fogo de odio ardia
 Como ardeo entre os dous Irmãos Thebanos
 Que na morte outro fogo diuidia
 Para remediar tão graues danos
 Dinis por mais inteiro se escolhia
 Em Castella entra onde seu nome fica
 Contra a enueja, & tempo, & ella ri

CANTO.

La mostrou a grandeza de seu peito,
 Que a luz em toda a parte se descobre
 Deixando asâs contente, & satisfeito
 Com merces desiguaes o baixo, & nobre.
 De todos tão querido, & tão accito
 Quanto he orico liberal, do pobre
 Que surdas prayas, que ja mais ouuirão
 A esta voz tomai sempre a cudirão.

Levante Roma ao Ceo o seu Augusto.
 Pois que Augusto ao Ceo levanta Roma,
 Que dar Roma à Augusto gloria he justo
 Pois que de Augusto Roma gloria toma,
 Elle cõ desusado gasto, & custo,
 Faz comque mais fermosa, & alta assoma
 Correndo o nome, que innouando alcança
 A par co que a primeira pedralansa.

De cà contemplo ainda, que distante,
 De Apollo, & Marte a casa excelsa, & alta
 E o soberbo templo do Tonante
 Ioue, que o sitio, & amateria exalta.
 Para que saya menos inundante
 Do Tibre alarga a madre estreita, & falta
 Mas se são obras dignas de memoria
 As de Dinis não são de menor gloria.

Cercou à muytas terras de alto muro,
 Ainda que não foy oçtauo espanto,
 Com que ficou o reino forte, & duro
 Da gente respondendo à valor tanto.
 Sò conto Guimarães nobre, & seguro,
 Aposento primeyro do Rey santo
 E outra, que hê de jaspe, & ser de chamma
 Cercada creò o barbaro por fama.

Este hê Setubal doce patria minha,
 Que à Venus me mostrou por ascendente
 Nella meu coração, & alma tinha,
 Hum tempo ja passado, & mais contente.
 O ar, & sua vista me sostinha,
 E a lembrança soo estando ausente,
 Mas ouue em mi, & nella tal mudança
 Que o ar me mata, a vista, & a lembrança.

Todavia contente, & alegre fora
 Se mudar me outra ves disto pudera
 Entre a verde Pomona, & alinda Flora,
 Entre Bacho, & Minerua alli viuera
 A que nasceo das ondas nella mora
 Deixando Idalio Paphos, & cythera
 E o vario pastor com grão cuidado
 Incina para alli todo o seu gado.

CANTO 32

E como Dinis sempre à sombra esteve
 Daquella arvore triste mas prudente,
 Que de seu negro fruyto as cores deue
 Ao malogrado amor, que in da oje sente
 E no seu coração, & peito teue
 Do celebrado Ganges a corrente
 Tantos thesouros quando morre deixa,
 Que de auar ento se lastima, & queixa.

Pois quem bebeo do grande Euphrates tanto,
 Quem pôs no claro Sol olhos tão claros
 Por ventura o soberbo Rodamanto,
 E os outros Irmãos tão pouco auaros.
 Que no reino cruel do negro espanto
 Não perdoão ainda a filhos charos
 Ou aquelle que deu co a luz perdida
 Dos olhos lux a ley escurecida.

A que tem nhua mão hum feixe atado
 De varas verdes, noutra hua balanca,
 E tras como catiuas a seu lado
 Duas donzellas cujo brio a mansa.
 Hũa chum ferro agudo mas quebrado
 E outra chum bordão em que descansa,
 Ia mais dos olhos seus esteve ausente
 Que o grande amor ausencia não consente.

As gentes

As gentes no seu tempo respirarã
 De Scinis, & Procustes infestadas
 E seguras, & liures caminharã
 Sem perigo nem hum pellas estradas.
 Como nocturnas Aues que deixarã
 Os assaltos, & prezas comecadas
 Tanto que mostrou Phebo no Oriente,
 Os rayos que a ventura ver consente.

Não ouue no seu tempo monstro horrendo
 Que não pusesse à fogo, & ferro logo
 Contra a hydra cruel em furia ardendo
 Armado sempre andou de ferro, & fogo.
 Torcerlhe o braço forte não podendo
 Obrigação, amor, paixão, nem rogo
 E a quem nem amar nem odio torse
 Quê l'ã senão sò Deos que om onã, & forse.

Foy qual Aue que os velhos pays alenta
 No berço em que foy delles alentada
 E se passar à outro clima intenta
 Passar co grato pezo não lhe enfada.
 De serpentes, & cobras se sustentã
 Tendo com ellas guerra pregoada
 E na comarca em torno aonde habita
 Nestes assaltos sempre se exercita.

CANTO 2

Não ficou tão igual a grande brenha
 De varios animaes segura casa
 Quando para que o gado pasto tenha
 O pastor lhe pos fogo, & fez em brasa.
 Não ha tronco soberbo, que detinha
 O ardente furor, que tudo arrasa
 Inclinação altas arvores os bracos
 Das feras descubriendo ocultos passos.

Com isto fica a terra descuberta
 A desejada lux do Sol dourado
 E dos espessos matos já deserta
 Apta para tornar hum fresco prado,
 Nos abundosos pastos sempre certa
 nunca mentio co feno ao manso gado
 Tal com Dinis o Reino Lusitano
 Está mandado limpo casto vfanos.

Ainda que a Coroa de fino ouro
 Magestade real bem lhe parece
 Em grande preço tem hũa de louro
 Que o grande Apollo co as Irmaãs lhe tece.
 Tambem o furto ouuido do branco touro
 E o nome que ao mar de leão crece
 Tambem bebendo de Aganippe as agoas
 Acendeo mais a sede à brandas magoas.

Se me elle vira agora estar cantando
 Còs sentidos na musica tão prontos,
 Não auer melhor cousa imaginando
 Quicà, que me enxergara alguns descontos.
 Ora me achar a duro, ora muy brando
 Enfim mil erros no tomar dos pontos
 Mas pode ser, que satisfeito fosse
 Que asas deu, o que deu conforme a posse.

E para que já tudo enfim lhe caya
 A midida, e ao corte do dezejo
 Que o bem defficultoso antes que saya
 Se hua ves comecou perder opejo.
 Menos vffano pello campo espraya
 A dourada corrente o rio Tejo,
 Isabel por consorte se lhe entrega
 Que a mais chegar não pode o q̃ aqui chega.

Agora Musa minha neste passo,
 O principio me ensina desta historia
 Pois nunca teu fauor me foy escasso
 Não falte no melhor de minha gloria.
 Não cortes meus intentos em agrão
 Sem primeiro ficar delles memoria
 Deixa chegar a ser maduro o fruyto
 Que he hõra ao cãpo, e rēde ao seõor m

CANTO

Ah' que de todo errado o norte leuo
 E perdido o forol, que me assigura
 Pois com fauor tão fraco, & vãõ me atreuo
 Vir despregando velas à ventura
 Pidir outro fauor mais alto deuo
 Para poder subir a tanta altura
 Doutra sorte por mais, & mais que cante
 Afracará co pezo o alto Atlante.

Fique Parnasso a tras, que em vãõ se cansa,
 Quem espera por sua companhia,
 Vos Isabel guiai minha esperança
 Onde eu a ella, & ella a mi me guia.
 Não encontreis a certa confiança
 Que neste coração de vos se cria
 Daimo como Ariadna o certo fio
 Neste arduo Laberintho, & tão sombrio.

O soberbo Animal, que a tantos passos
 Crece que vem a ser nagoa hum rochedo,
 Midida dos que tendo curtos braços
 Vem despois à tocar no Ceo co dedo.
 No mais alto do Nilo tão escassos
 Os olhos tinha, que os abria a medo
 Nem cala a cima com a lux pequena
 Que o tempo doutrem naga a lba condena.

Por outra parte a Aue que se affeyta
 Naqual os olhos troca o pastor de ló
 Largas as pennas, & a roda feyta
 Os espellos mostrava ao ar sombrio.
 Onde se vê a terra ainda estreyta
 O campo, o valle, a serra, a fonte, o rio,
 Quando Dinis os spiritus cançados
 De termina furtar á seus cuidados.

De negra roupa hum homem lhe apparece
 Vistido, & outra branca aos peês caida,
 Hum ramo tras na mão comque adormece,
 E por tempo suspende o alento, & vida.
 Vem com este o descanso a quem padece
 Vayse, & ficalhe o mal, com a partida
 Este sopea o mais valente, & forte
 E basta ser Irmão da dura morte.

Já de vagar estava descansando
 Na verde ripa de lethea vea.
 Quando ouuio hum estrondo q̃ imitando
 Vinha o do animal que Marte enfrea.
 De longe as vnhas de aço vem soando
 E ja confunde o ar, o poo, & area
 Qual grande fogo que antes que appareca
 Cobre as nuues, com outra nuue espessa

CANTO

Eis quando junto para a ferrea planta
 Hum cavallo que Pegaso se chama
 De grandes asas com que selevanta
 Conbecido entre a verde laurea rama.
 O brio lhe sofrea huma Giganta
 A que muytos quizerã chamar fama,
 De mil olhos, & linguas orna o grande
 Corpo, & coa mão esquerda hũ rayo brãde.

Traz hum retrato, & vnica pintura
 Na direita onde Apelles se perdera
 E como com a vista fera, & dura
 Medusa em dura pedra o conuentera.
 A si esta com sua fermosura
 O conuerte de dura em branda cera
 Que o mais feròs, & aspero sogeito
 Sogeita a hum lindo rosto o brauo peito.

Vãoselhe os olhos tras cousa tão bella,
 E tras os olhos alma leda, & triste
 Quanto mais olha tanto mais por ella
 Se perde, & tanto menos lhe resiste.
 Nesta vista co a vista se desuella
 E quanto mais a fraca mais insiste
 Porque a forsa mortal onde não pode
 Allí o dezejo com mais forsa a code.

E duuidano.

E duuidando que figura fosse

Aque em tantas figuras o mudaua
 Pois já tinha de si perdida a posse
 Nem já se achaua em si se buscava.
 Porque em parte se alegre, & aluoroce
 Se o fogo conhecer, que o abrasava
 Os fracos olhos nestas letras dão
 Isabella Princesa de Aragão.

Nisto com a manhaã do sonho acorda

Cansado como quem de longe veyo,
 E triste porque tão depressa aborda
 Do morto mar na costa doreceyo.
 Iã do meyo do leito vem à borda
 E já torna da borda para o meyo
 Que quando o pezo da alma inquieto anda
 Mal pode o corpo estar de hũa sò banda.

Cruel Sol diz, que me cortaste o fio

De hum gosto vão que a furto hia tecendo
 Vão gosto que olugar delle vazio
 E cheyo de teus rayos estou vendo.
 Bem pudera escusar teu lustre, & brio
 A troco do que vi, & ver pretendo
 Mas minha sorte se resolve nisto
 Que nunca vejo, & sempre tenbo vis

CANTO

Quicã que espante a miytos o que digo
 Pois de hum Rey se publica este queixume
 Que quanto quer alcança sem pirigo
 A fortuna por baixo do alto cume.
 Mas vsou neste bem tão mal com migo
 Que imagino que otenha por costume
 E basta que hũa ves tal bem me negue
 Para cuidar que sempre me persegue.

Sempre cry de armar o sonho em vão
 E pella maior parte ser mentira
 Mas não sei que sentio meu coração
 Que por elle em vão chora, em vão suspirã.
 Foyse o sonho, ficoume esta paixão
 Que o coração de seu lugar me tira,
 Em que lugar hum pode estar contente
 Que o coração em seu lugar não sente.

Os olhos são as portas por que passa
 O brando amor, & se recolhe na alma
 Eu cos olhos sem lux, & a vista eseassa
 Dey de meu coração à Amor a palma.
 Vem a calma co Sol que arde, & trespassa
 Eu sem ver Sol estou ardendo em calma
 Da nuue rota orayo o monte araza.
 mnuue sem trouão elle me abraza.

Ou falso

Ou falsem no melhor, ou sonhos sejam
 Verdadeiros em tudo, & me asfigurem,
 Bens tamanhos, que tanto se dezejam
 He bem que à todo o resto se aventurem.
 Para que pois de longe me festejam
 De ingrato, & de couarde não murmurem,
 E muyto menos erra em cousas altas
 Quem erra por excessos, que por faltas.

Não erã muytos dias ja passados
 Despois daquella noyte saudosa
 Quando tres por Dinis forão mandados
 A pedir Isabella por esposa.
 E despois que por Pedro festejados
 Derão sua embaixada duuidosa,
 Responde o Rey benigno deste modo
 Banhado em alegria o rosto todo.

Em hũa Ilha deserta inhabitada
 Desamparado hum triste à caso estava
 E tendo hũa sò Nao perto anchorada
 Monção para partir se alli esperava.
 Eis quando de esperar tanto se enfada
 Que solta a Nao pella corrente brava,
 Dos olhos perde a nao sua esperanca
 E quando torna em si já a não alcança.

CANTO

Tereis isto por grande marauilha
 Ia que solta hum remedio vnico, & raro,
 Pois não ficou na solitaria Ilha
 Tão solitario em tanto desamparo.
 Como eu deuo ficar sem minha filha
 Hum só refugio meu, & alliuio charo
 Se eu a lanso de mi, com ella lanso
 Nesta velhice todo meu descanso.

Não poderei passar o mar seguro
 Sem ella se passallo tento, & quero
 Com ella a todo risco me auenturo
 E com ella bonança em tudo espero.
 Ella tenho por torre, & forte muro
 Contra todo combate brauo, & fero
 Sem nao nem passa o mar nem tomo porto
 E sem muro serei catiuo ou morto.

Tambem por outra parte alcanço, & vejo
 Que qu pidirme hum bẽ que tenho manda,
 De tão longe, ou hẽ grande seu dezejo
 Ou tambem grãde afalta em que delle anda.
 E como com razam me corro, & pejo
 De não satisfazer a tal de manda
 Quero o meyo tomar que Cursio toma
 Antes que pirigar sem elle Roma.

Quero

Quero cortar por mi por que não corte
 Em flor buma esperança bem nascida
 Que em ves deiração ou brando norte
 Se veja chum soão murcha, & caida.
 E a troco de minha certa morte
 Remedear o mal de albeya vida
 Mostraime empago diſto animo grato
 Em quanto com meu bem de meu mal trato.

CANTO

CANTO
 TERCEI-
 RO.



E muyto differente no exercicio
 A vida q̄ se uiue limpa, & casta
 Daquella q̄ em deleite, & torpe
 vicio

Sò por hum doce não sei que, segasta.
 Que sempre as obras forã claro indicio
 D'alma que para o bem do mal se afasta
 E da triste que foge do bem certo
 E Do mal segue o vão caminho a berto.

Esta vereis empãssatempas varios
 Em musicas em danças occupada
 Em vaõs cuidados feitos temerarios
 Que custão muyto, & nunca montão nada.
 Aquella em sacrificios ordinarios
 De considerações do Ceo leuada
 Qual acha a filha o Pay entre o arucredo
 Rompendolhe o melhor de seu segredo.

Tinha Isabel hum jardim fresco, & lindo,
 Alliuio certo de qualquer tristeza,
 Onde Flora se estaua sempre rindo
 Com bella face, & com gentil belleza.
 Suas flores, & graca perfirindo
 As do jardim que Alcinoo tanto preza,
 E âs donde leuou as macãas d'ouro
 Para louuor alheyo o sabio Mouro.

Aqui o bello filho de Cephiso
 Em flor mudado junto d'agoa crece,
 Sem perder inda o nome de Narciso
 Que Narciso nas cores bem parece,
 Aquy Hyacintho, que seu doceriso
 Quiz nas folhas em lagrimas se lesse
 Aqui o immortal verde Amaranto
 E Adonis de Venus triste pranto.

Aquella tarde alli colhendo andaua
 De flor em flor aque lhe mais contenta
 E entre todos mais fermoso achaua
 Hum lirio que hum bem seu lhe representa
 A este sò queria, este cheirava
 Não quer dalli passar, alli se assenta,
 E com amor lhe faz tanto martyrio
 Que perde o cheiro todo, & agraca olirio

CANTO

E como ella em qualquer successo destes
 Faça logo discurso co amemoria
 Que hua alma pura tras em tudo prestes
 A consideração dos bens da gloria
 Lembrando se de morte nos Cyprestes
 Lembrando se nas palmas da victoria
 O que não faz o m. 10, que como âranha
 Em peçonha conuerte a flôr que apanha.

Começa à comparar co a flôr perdida
 A gloria da humana fermosura
 E a gloria tambem de nosa vida
 Que muyto cedo acaba, e pouco dura,
 E cos olhos na graça amortecida
 Abrio da boca a graça viua, e pura,
 E do coração solta estes auentos
 Altentos tendo os inconstantes ventos.

Belleza humana ainda que te enoje
 Quem te escolhe não vê quam pouco escolha
 Appareces nos bella, e fermosa oje
 E não te acha â manha à quem por ti olha.
 Nem tão depressa a leue sombra foje
 Nem d'aruore co vento cae a folha
 Nem se desfaz na praya a empolla bella
 Que ja a não vejo quando cuido uella.

Es como

Es como rio feito de alta neve
 Que no monte Ripheo o Sol derrete
 Não hà tronco Epenedo que não leue
 E corrente perpetua ao mar promete.
 Mas do soberba, & gloria que então teue
 Sò fica rico o mar onde se mete
 Nem hà de suas agoas outras prouas
 Que altas, quebradas, & profundas couas.

Assi na noyte vem serenà, & bella
 Alumeando o ar a estrella errante
 E não hà já sinal nem mostras della
 E caio inda agora rutilante
 E mais leue, & ligeiro que a estrella
 Corta as nuues o rayo fulminante
 E no ponto que sae do Oriente
 Nesse tambem se esconde no Occidente.

Pello mar ou sem vento abarca reme
 Ou com vento diuida a branca escuma
 Caminho vae deixando atras co leme,
 Que confundirse logo então custuma.
 E se com fruyta carregada geme
 Como todo o sinal o mar consuma,
 No ar, d' a carga suaue ocheiro fica
 Que a passagem da barca sò publica,

CANTO

Passa o verão de nossa mocidade
 Quando o fruyto maduro, & são se colhe
 E entramos no inuerno de outra idade
 Onde a folha se seca, & a flor se encolhe.
 Sò nos fica este bem co a saudade
 Do bem que tornar mais o tempo tolhe,
 Que nascem neste inuerno brancas flores
 Vistindose o verão das mesmas cores.

O vida fragil como vidro leue
 Que então se quebra quando resplandece
 Catina que tributo a morte deue
 Logo no mesmo dia, que apparece.
 Quem poem em ti sua esperança breue
 Pois que comtigo no melhor perece
 Quem a fragil esteyo, & vão se arrima
 Vêse embaixo, cuidando estar em cima.

Cos Elephantes ficão comparados
 Se com a vida a esperança caya
 Que como elles repousem arrimados
 A troncos altos d'algũ freyxo ou faya.
 Temhos de dia os naturaes cerrados
 Para que a noyte o effeito bem lhe sayá.
 Fião se na apparencia, & forte altura
 Caem com ella em viua sepultura.

Não sei o Natureza, que te altera
 Feyta de tosca terra, & barro grosso
 Que foras se abelleza te não dura
 O que para dar tudo quiz ser nosso.
 Eras platano a sombra por fruyto era
 Com as joyas te ornou de seu pescosso
 Eu já de tua gloria não me espanto
 Mas de auer Xerxes que te amasse tanto.

Forco sa obrigação daqui te nasce
 Para que tanto amor não se adultere
 Que bem mereçe aquella bella face
 Catiue corações que tão bem fere.
 Não há era que tronco ou muro abresse
 E despois solte os noôs, & outro espere,
 Liou se Deus com noôs de amor contigo
 Pois deixas por hum nouo amor antigo.

Eu em quanto durar a fraca vida
 Que sò para isso larga, & saã dezejo
 A este soò amor serei rendida
 Pois a gloria de amor sò neste vejo.
 Porque se a fermosura á amor conuida,
 E fora della todo amor he pejo,
 Amor, amor daquella fermosur
 Que tudo fez fermoso, & sempre dura.

CANTO

Nestes santos conceitos occupada
 Altas memorias, nobres pensamentos,
 Estaua temerosa, & alterada
 Se corresponde em tudo cos intentos.
 Quando do Pay querido foy achada
 Que tambem soltar vem, magoas aos v̄etos
 E alegre co encontro que pretende
 deste modo lhe falla, & a suspende.

Hũa noua vos trago de tal sorte
 Amada filha que de mi não fio
 Não proueis seu agudo fio, & corte
 Pois primeiro prouci seu corte, & fio.
 Mas oprimeiro encontro he duro, & forte
 Depois ser mais suaue em Deos confio
 Que ao longo rochas asperas, fragosas,
 Se acharão ao subir mais amorosas.

Com firmes noôs ataruos determino
 Com firmes noôs de matrimonio santo,
 E pois a taes extremos eu me inclino
 Não vos canse temor ou duro espanto.
 Que pois forsa não cabe, algum diuino
 Espirito do Ceo me forsa a tanto
 E se elle dece a sua vehemencia
 Humano ser não teue resistencia.

Quanto

Quanto mais que se mostra tanto ao claro
 Quam bem tã singular penhor se emprega,
 Que ainda que me falte vosso amparo
 Não ha razão que obrige se senega.
 Verdade he que me custa muyto caro
 O daruos, mas dirão que amor me cega,
 Mas o não daruos, muyto mais me custa
 Porque não pago á piticão tão justa.

He Rey de Portugal reino sublime
 Em nobreza, & valor de gente altina
 Aquem hê justo, que Aragão se arrime
 Para que mais soberbo, & vffano viuua
 Eufico que este bem tanto se estime
 Se beneuolta sois, & não esquiuua
 Que vide, & olmo, terra, & Ceo sustente
 E sombra, & fruyto em annos acrecente.

Bem sei que hê vosso intento bem estranho
 E que outro amor com outros nãos vos ata
 Mas os nãos firmes desse amor tamanho
 Este amor que vos dou não os desata.
 Antes hê para vos hum nouo ganho
 Pois hum com outro não se desbarata
 E pera algum alliuio â minha pena
 Consenti filha no que o Ceo ordena.

CANTO

Ella qual Aue aquem de siso aberta
 Para o instante parto o tempo breue
 Anda voando duuidosa, & incerta
 Em que aruore pendure a casa leue.
 Esta he sombria, aquella ao vento aberta
 Em nen^hua ficar triste se atreue,
 Tê que de ramo, em ramo já cansada
 Hum ramo escolhe, que lhe mais agrada.

Desque mil bor dos fez co pensamento
 Se nabarra entre, ou se ao mar se faça
 Se não consinta, ou deê consentimento
 Assi abrio dos dous rubis a graca.
 Propositos quebrar de firme assento
 Senhor, & Paylê tão aguda traca
 Que temo que me roa os fracos dias
 Pondo no fio minhas alegrias.

Mas trago pella vossa regulada
 Esta vontade tanto por medida
 Que já não posso desuialla em nada
 Em quanto a linha não quebrar da vida.
 Irei, por onde for de vos leuada
 Por mais que outro caminho me conuida,
 E se com vosco errar, então he certo
 Que muyto menos erro, & mais acerto.

Nisto banhada em lagrimas a leua
 Nos braços brandos o Pay triste, & ledo
 Ceuando a vista com que amor se ceua
 Na vista que tão longe ha de ir tão cedo.
 E porque confundia a escura treua
 Co a sôbra, as verdes sombras do aruoredo
 Vão se por entre flores recolhendo
 Flores que com ocheiro os vão de tendo.

E sendo tempo já de algũ descanso
 O Pay só não descansa, nem repousa
 Variando de hum lanso, em outro lanso
 E de hũa cousa, dando em outra cousa.
 Chum leue murmurar sentido, & manso
 Que acrescentar á filha a dor não ousa
 Estas palauras diz cheas de magoa
 Feitos os olhos viuas fontes de agoa.

Incerto filha minha vou, & venho,
 Quem nunca vos gerar a nem nascera
 Que em quanto minha filha aqui vos tenho
 Paz, & quietação o reino espera.
 Como seguro passa qualquer lenho
 Nem sopra o vento, nem o mar se altera
 Em quanto confiada em seu amparo
 Alcione lhe entrega o ninho charo.

CANTO

Destemperese ja minha alegria

Desande a roda a meu coração ledo

Pois o pezo gentil que ma mouia:

Noutra parte muy longe estará sedo.

Acabe o alegre som que em mi se ouuia

Pois obraço que o daua ha de estar quedo.

Confundase me o Ceò, & o tempo certo

Desordem seja tudo, & d. sconcerto.

Pello deserto a gente caminhaua

Que inda ouue o sonda grauida cadea.

E como muytas vezes lhe faltaua.

A doce fonte da argentada area,

A vara de Moyses logo mudaua.

A natureza da salgada vea,

Vos sois como esta vara filha minha,

Não tinha pezar, não, quando vos tinha.

E laà noutro mais horrido deserto

Aonde agoa he peor que a mesma sede.

Os animais esperã de conserto

Se outro cuidado o vnicorne impede.

E tocando co corno o lago he certo

Que apeçonha se vae, & se despede.

Vos sois este Vnicorne filha minha.

Não tinha males, não, quando vos tinha.

Midas que de juiz o falto, e pobre
 Negou a gloria ao amator do louro
 Quanto co amão tocoua em metal nobre
 Conuertia, faminto de Thesouro
 Tocaua o cobre vil, era ouro o cobre,
 Tocaua o baixo ferro, o ferro era ouro,
 Vos eres este Midas filha minha
 Não tinha falta, não, quando vos tinha.

Agora sentirei com vossa ausencia
 Adura ausencia destes bens que tinha
 Encontrando do todo a consciencia
 Pois de quanto sentir a culpa heminha
 Que se a parca cruel sem resistencia
 Vos cortara da vida a fraca linha
 A forsoza mortal necessidade
 Siruira de remedio à saudade.

Mas ver que ei de chorar vossa partida
 E que eu mesmo ei de ser a causa della
 Aqui aqui a fraca nao da vida
 A costa dá perdendo a amiga estrella
 E nisto hum pê de vento dor crescida
 Lhe leua o leme forte, e rompe a vela
 E perdera co ador a consciencia
 Se a razão não fezera resistencia.

CANTO TER

Qual valeroso Alcides sustentando
 Em seus hombros a mole cristalina
 Suando co trabalho, & tressuando
 Quanto mais cansa mais se determina.
 Mas de todo co pezo já afracando
 Os largos hombros, & acabeçainclina
 Tè que o soberbo Atblante ò desallina
 Sustento o pezo co a cervis altina.

Resiste à forte dor aquelle peitò
 Que nunca grandes ventos alterarão
 Decendo as ondas à seu manso leito
 Aonde por espaço repousarão.
 Mas ficou tão cansado, & tão estreito
 Despois que as tempestades acabarão
 Que não pode julgar que seja o certo
 Tão suspenso se vee, & em tanto aperto.

Qual quando pella barra da vliſſea
 Praya, vem co a mare a Nao entrando
 E de hũa parte a tras a force vea
 E de outra o brauo norte está soprando.
 Resiste cada qual à furia alhea
 Apropria cada ves mais esforsando
 Suspensa está no meyo daquella agoa
 Como na Mãe primeira a curua taboa.

Alçando

Alçando os montes vinha aquelle dia
 Entre todos os dias sinalado
 No qual tanto prazer amanhecia
 A Dinis acabando seu cuidado.
 E a Pedro com elle anoytecia
 Porque seu Sol não era o costumado
 Que seu Sol costumado tras montana
 Quando aquelle Orifonte o Sol dourava?

E como o bem, do qual a perda he certa
 Quando logo se perde, & menos dana
 Como tambem o mal que o arco acerta
 Se logo emprega a seta deshumana.
 Por ver a dor de todo descuberta
 Que calados queixumes desengana
 Faz do grande penhor depositarios
 Aquelles amorosos aduersarios.

E dando ja os vltimos abraços
 Impidindolhe adorar a voz, & afalla
 Os meneos, os olhos, & os braços
 E as lagrimas dizem quanto calla.
 E ella que não tem os seus escassos
 Pois amor não fez nella menor cala
 O Pay querido de tal sorte aperta
 Que alli tiuera a mão Gordiano incerta?

Depois que hum largo tempo fez aparte
 Os dous corpos que hum mesmo amor ajunta
 Qual Rebecca do velho Pay se parte
 Tal se parte do Pay quasi defunta.
 Mas não defunta a cor, belleza, & arte
 E a graça que então está mais junta
 Pois crece à natural que nella mora
 Outra graça de lagrimas que chora.

Qual no fresco jardim purpurea rosa
 Em todo o tempo tão fermosa, & bella
 Que adzeja trazer qualquer fermosa
 Como rica grinalda na capella.
 E a primeira flor que a Linda esposa
 Para Zephyro colhe hà de ser ella
 Mas com a rosciada matutina
 Mais bella, como toda outra bonina.

Todos saem com ella os olhos fontes
 A lagrimas os olhos sempre abertos,
 Como quando os Ripheos Orisontes
 Se de gelada neve estão cubertos.
 Firindo o Sol mais quente os altos montes
 Vão se em rios, & ficão descubertos,
 Huns à seguem co a vista, outros co alma
 Outros ficão sem alma, & vista, em calma.

Qual, quando algũa Nao solta da praya,
 Para nauegação larga, & comprida
 Não ha pessoa algũa que não saya
 A vella, & do alto monte se dispida.
 E quanto mais se aparta mais desmaya
 Das fracos olhos a pequena vida
 A tê que lhe confunde e a lux que cansa
 O Ceo co ar, com ambos a esperança.

Ella com não menor pena, & desgosto
 Pagando vae aquelle sentimento
 Ainda que adiante leua o rosto
 Com tudo a tras lhe fica openfamento.
 No Pay, na doce patria o deixa posto
 Que em ausencias não ouue peito isento,
 E mil vezes atras os olhos vira
 E com sobeja magoa se retira.

Por onde vae de graças mil semea
 E de mil glorias novas orna a terra
 De verde esmalte veste a triste area
 E os duros abrolhos lhe desterra.
 Mais pura vae da clara fonte a vea
 E mais vfanase leuanta a serra.
 Aqui para caminho se abre o monte
 Aqui se passa o rio a vao sem ponte.

CANTO

Os animais das asperas montanhas
 Nos altos precipicios apparecem
 E perdidos por ver cousas tamanhas
 Para as estradas, & caminhos decem.
 Mostra o brauo Leão brandas entranhas
 E os tigres de seu furor se esquecem,
 O Ceruo attento os olhos nunca tira
 Como se na espessura a frauta ouuirá.

Acada passo nasce noua gente
 Que os ditosos caminhos cobre. & cega.
 Como se Cadmo andara dente, & dente
 Se meando os Irmaões que ao ferro entrega.
 O laurador da mão larga a semente
 E o pastor ao gado o pasto nega,
 Acha o pastor despois medrado o gado
 O laurador o campo semeado.

Qual quando por milagre ou caso passa
 De Arabia deserta ao nosso clima
 Aquella que de geração escassa
 Encende a sepultura, & morre em simã.
 Não hà Aue que às nuues se não faça
 Por verem a que tanto o mundo estima
 Deixando os bosques mudos, & desertos
 Fechando os ares que estão sempre abertos.

Dourava o Sol os campos de Trancoso
 Onde Dinis áquelle tempo estava (so
 Quando outro Sol mais bello, & mais fermo
 Chua nova manhaa por elle entrava.
 Não canto o apparato sumptuoso
 Do pouo que de longe a esperava
 Nem agloria tambem do nouo amante
 'A qual me não conuem que agora conta.'

E pois a noyte vem do Ceo caindo
 E sem aruores sombra cobre o mundo
 E seus rayos no mar estão firindo
 As estrellas fazendo Ceo segundo.
 Co brando scintillar persuadindo
 Nos fracos corpos sonuo alto, & profundo
 Descansemos hum pouco, mas não ouso
 Que repouso não vem para repouso.

CANTO

CANTO

CANTO

Q V A R-

T O.



Res cousas ha q̃ fazẽ, & desfazẽ
Nos costumes da humana natu-
reza

Os ãnos nouidades sempre trazẽ

Que naõ souberã nunca ter firmeza.

Os mininos com huns se satisfazem,

Huns o mancebo, & huns o velho preza

Não fallo já no tempo derradeiro

Que torna commumente ao ser primeiro.

Soem tambem causar grande mudança

Nos costumes communs da vida humana

As varias regiões onde nos lança

Da humana sorte afrosa des humana.

Hũ sou em Portugal, & outro em Fransa

O que cá me contenta, lá me dana,

Que Deos na confusão do estranho cume

A cada lingua deu nouo costume.

A mesma

A mesma forsa tem o nouo estado
 Que tem as regioes, & as idades
 Nôuos costumes faz nouo cuidado
 E dos antigos perde as saudades.
 Quem na baixa fortuna anda humilhado
 Soberbo está nas vaas prosperidades
 Que jamais ouue alguém se nellas mora
 Que não se esqueca logo de quem fora.

Ditoso pois aquelle tão constante
 Que nunca bons costumes troca, & muda
 Hà poruentura alguém que nos espante
 De condição tão alta, & tão sesuda?
 Isabel, & sequer que della cante
 Com fauor nouo a meu intento acuda
 Veremos se costumes lhe desterra
 Idade, nouo estado, estranha terra.

De Pedro, & violante nesta vida
 A ves primeira sente os novos ares,
 Ou a entrada chora, & apartida
 De hũa vida tão chea de pezares.
 No dia singular que foy nascida
 Em Aragão nascerã bens a pares
 Entre os filhos, & Iames Auôo, nasce
 A paz alegre com Serena face.

CANTO

Como quando no Ceo graue, & malina
 Estrella infunde, fome, peste, ou guerra,
 Se doutra parte nasce hũa benina
 Toda a malignidade lhe desterra.
 Ou qual despoys daquella ira diuina
 Que em diluuiio cruel enuolue a terra,
 Estando o nouo mundo amedroutado
 Lhe nasce em paz o Arco variado,

Tal foy seu celebrado nascimento
 Tal quietação trouxe, & tal bonanca
 Como quando bramando o mar, & o vento
 Que de montes em valles a Nao lanca.
 Se o Santo lume fez no masto assento,
 Na viagem confirma a seguranca
 E os caidos animos leuanta
 Que doutra parte o vëto, & mar quebrãta

Logo desde minina nalta torre
 Dalma se fechã â todo encontro graue
 Dalli co pensamento os ares corre
 E vae della entregar a Christo achauẽ.
 Por seu amor o quer, por elle morre,
 Ou a trate com mimos, ou a agrauẽ,
 Que o verdadeiro amor em nobres peitos
 Não arde mais ou menos por respeitos.

Junto da clara fonte donde nasce
 O rio, facilmente se deriua
 Para aparte por onde quer que passe
 O ortelão a Lympha fugitiua.
 Mas despois que outros rios cria, & pasce
 Iá de longe na madre prenhe, & altiua,
 Mal o podem mudar para outra parte
 Podendo mais que todo engenho, & arte.

Aquelle fresco choupo em quem se espanta
 Ver se Lampecie co as Irmãas mudada
 Em quãto he branda, verde, & tãra planta
 Nem pella sombra ainda he festejada.
 Facilmente se dobra, & se leuanta
 Dereita ao ar, atè que a sombra agrada,
 Mas troncos grandes cõ mil noôs, & callos
 Querem inder eit allos he quabrallos.

E como na primeira, & tenra idade
 A tada à crux de Christo, & suas penas
 Logo fugio da vaá suavidade
 Dos vicios como Vlisses das Syrenas;
 Affeicoa cos annos a vontade
 E por doces as julga, & por pequenas,
 Auante sempre que não andou nada
 Quem auante não foy nesta jornada.

CANTO

Qual quando vae cortando a barca leue
 A forsa de remeiros a corrente
 Surdindo pouco, a pouco, mais se atreue
 Nem descansar no meyo se consente.
 Se por fraqueza ou caso se deteue
 Descarr de onda, em onda, o leme sente
 E com muyto maior pressa, & afronta
 Os mares que cortou alcança, & conta.

Não enuolue nas agoas cristalinas
 O celebrado Ganges co as areas
 Tão preciosas pedras, & tão finas
 De graças mil & resplandores cheas,
 Como de mil virtudes pirigrinas
 Em Isabel rebentão nouas veas,
 E mais bella co a lux que sempre crece
 A charidade entre ellas resplandece.

Como quando despois que a noyte escura
 Cobrio co gracioso manto a terra
 Querendo o Ceo mostrar a fermosura
 Das estrellas que o dia lhe desterra.
 Estão firindo nagoa clara, & pura
 Do Tejo que sereno ao Ceo faz guerra
 E entre todas Hespero exercita
 Mor lux no Ceo, & nagoa que o imita.

Não

Não passava momento muy pequeno
 Que no Ceo não pregasse algũa seta,
 Set a chea de amor, não de veneno
 Que por erua leuava alma secreta.
 Seta não qual lansou ao ar sereno
 Que de cor se cobrio escura, & preta
 Ojá desesperado Tuliano
 Não fazendo no Ceo mas em sidano.

Mas seta de hum suspiro tenro, & brando
 E de hũa saudade da outra vida
 E de hum queixume desta, que chorando
 Se passa, de mil agoas combatida.
 As vezes no secreto da alma estando
 Sò com seu Christo morto recolhida
 Os olhos nelle se ochorar a deixa
 A elle soò, com elle assi se queixa.

Quem me tem doce amor tão apartada
 De vos cà nesta vida em larga ausencia
 Ay quem pudera verse libertada
 Deste carcer cruel, & sem clemencia.
 Não vedes que quem he de amor chagada
 Estando ausente perde a paciencia
 Se me quereis prouar de inuencão noua
 Ah não façais em mi tão dura proua.

CANTO

Passaime pello fio da mor pena
 E do maior tormento, que hà naterra
 Que toda pena, & dor serâ pequena
 Sem esta que de vos cà me desterra.
 Inda que mal que vossa mão me ordena
 Certo be, q̃ me ha de dar mais paz, q̃ guerra,
 E mais se hũa dor grande nos afronta
 As mais dores faz ter em menos conta.

Mil vezes doce amor tenho sonhado
 Que vos estaua vendo em vossa gloria
 E me tenho outras tantas enganado
 Inda oje me lastima esta memoria.
 Ou inda oje me alegra este cuidado
 Como despojos de gentil victoria
 Mas eu finjo com migo que me vejo
 No bem que vij, & engano meu dezejo.

He tal o grande amor, que hum bem que teue
 Com sigo contra si tello sustenta,
 E sendo fugitiuo, & muyto breue
 Por firme, por eterno o representa.
 Isto lhe faz o mal que oje tem leue
 Engano que por seu remedio inuenta
 Mas quem sò com remedio passa a vida
 As vezes sem remedio a vè perdida.

Quem

Quem fora tão ditosa que pudera
 A falta de remedio acabar-me
 Para viuer com vosco, então morrera
 Se isto era então a morte assi matarme.
 Mas ay que minha sorte he dura, e fera
 Que a mesma falta torna arremediarme
 Que sorte para hum triste tão contente
 Pois remedio do mal em tudo sente.

Tanta dor amor meu, e magoa tenho
 De ver tão bellos olhos Eclipsados,
 E esses braços nesse duro lenho
 Com pregos desleaes atravesados.
 Que se cá muyto tempo me detenho
 Sem os ver lá no Ceo glorificados
 Quiça, que perca a vida se perdella
 Não fora o maior bem, que espero della.

Estais meu bem lansado em dura cama
 Meu bem ainda assi, e mais agora,
 O tenro coração então mais ama
 Quando vêê lastimado o bem que adora.
 Bem soys, mas viuo não, que vossa chamma
 Foy de nome tão doce roubadora
 Não foy a morte, não, que não podia
 Vence rous se o amor não lhe acodia.

CANTO

Mas ay que digo, fostes meu, viuento,
 Na vida o vosso amor a mi vos deu,
 E como em viuo fogo todo ardendo
 Queria a morte que não fosseis meu.
 Morreis por mi, por serdes meu morrendo,
 Ay de quem não hê vosso, & ficou seu,
 Meu no meyo do mar, & meu no porto
 Viuo fostes bem meu, sois meu bem morto.

Arsa meu coração em vosso amor
 Que mais arder que nunca agora deue
 Mas faz que perca o fogo seu vigor
 A neve fria, illebe de fria neve.
 E mais hê coração de peccador
 Que cheyo de peçonha sempre esteue
 E coração que teue este mal triste
 A todo o fogo dizem que resiste.

Estas difficuldades leues são
 Nenhũa ò Amor meu temor me ponha
 Que quando o fogo he grãde oppoẽ se em vão
 Por mais que a fria neve se lhe opponha.
 E com ficar illeso o coração
 O rayo ardente do ar mata a peçonha
 Perca, perca minha alma o vão receyo
 Que mor fogo que o vosso? & do Ceo veyo.

Aqui

A qui se calla, & fica contemplando
 Com o ver morto está também morrendo
 Ella rios de lagrimas chorando
 Elle rios de sangue está vertendo.
 Não falla, porque o sangue está fallando
 Quanto puder a estar lhe respondendo,
 Nem ella que se em lagrimas se emprega
 Lagrimas dizem quanto ador lhe nega.

Nestas contemplações passava as horas
 Que por ligeiras, & appressadas tinha
 Nem com mil occasiões perturbadoras
 De marido, & de casa se entretinha.
 Contra humanas paixões salteadoras
 Da quietação da alma se sustinha
 E com ella no Ceo com Deos tratava
 Inda que ca na terra o corpo estava.

Os Anjos, que solícito de bñã alma
 Deos, para guarda deu à gente humana
 Porque facil de nos não leue a palma
 Seu condenado Irmão que nos engana.
 Assim nos guardão que não fica em calma
 O contemplar a vista soberana
 Do summo bem que teue por estranho
 Por bem nosso fazer lhe mal tamanho.

Por mais que achamma ardente abaixo leue
 O ponderoso corpo d'alua cera
 Acima sempre vae ligeira, & leue
 Buscando sua natural esphera.
 E juntamente a agoa, & fria neue
 Tanto que della o fogo se apodera
 O mesmo fogo natural imita,
 Tal Isabel co amor ao Ceo se excita.

Tocaua em hum sò ponto hũ hora a terra
 Qual o Spherico corpo sobre o plano
 Quando do Ceo atras, & a desterra
 De hũa necessidade o braço insano.
 Porem a Aguia deçe ao valle, & serra
 Sò por fugir da sede, & fome o dano
 E estas satisfeytas, exercita
 O voo para os ares onde habita.

O mais dô tempo que lhe fica, & resta
 Se tempo, que tambem se emprega, fica,
 Não o consume em deleitosa festa
 Nem em prazeres que por vaõs publica.
 Não entra tão contente por floresta
 De flores, & boninas varias rica
 Como entra em hospitaes de dores cheyos,
 Por meyo de suspiros, sem receyos.

Hãse como Sol claro que em lugares
 Immundos fere os raios reluzentes
 Tão puro como quando fere os ares
 Ou as agoas dos rios transparentes.
 Andando hum dia em meio de pezares
 E lagrimas de enfermos, & doentes
 Estauase queixando desta sorte
 Hum ja longe da vida, & perto á morte.

Quãto cruel hẽ adôr quando atormenta
 Se as agoas a hũa foz todas ajunta
 A mais soberba rocha, & mais isenta
 Desfaz, aballa, arromba, & desconjunta.
 Mil desuarios traz, & representa
 E pella morte indomita pergunta
 Por ella chama, & ella mais lhe foje
 Mas quiçã que me espere, & responda oje.

Vae se tornando a minha fraca vida
 Como no Egypto rosa ou clauelina
 Que co vapor do Nilo consumida
 Sem algum cheiro languida se inclina.
 Co Nilo foy a morte confirida
 Cuja cabeça não se determina
 E menos esperado entãõ dilata
 A madre, o que na morte se retrata.

CANTO

Não quero já prazer que sò consiste
 Na morte meu prazer, & alegria
 Vou me fazendo aquella arvore triste
 Que a India Oriental produs, & cria.
 A natureza d'arvores resiste
 E guarda para a noyte a flor do dia
 Seca, murcha, sem gloria se amantece
 Fresca, verde, florida se a noytece.

Lua fuy, & jaà sou em Sol mudado
 Nem por mudado em Sol melhor ventura
 Que a Lua tem seu posto costumado
 Nagoa do rio doce & fonte pura.
 O Sol seu pasto tem no mar salgado,
 Veuí alegre, & entro em amargura
 E bem hê que me seja o fim azedo
 Na morte, pois na vida viui ledo.

A morte tem com figo a natureza
 de hũa fonte do mundo celebrada
 Na qual se metem hũa facta aceza
 Como hê costume a tirão apagada.
 E se apagada vae, noua estranheza,
 Torna logo á sair afogueada,
 Quem com pezares entra em suas agoas
 Prazeres tira, com prazeres magoas.

He minha sorte muyto differente
 Da que teue o tyranno Dionicyo
 A quem no porto o mar em continente
 Mudou em doce o natural officio.
 E como annuncio foy muy evidente
 De cair do real alto exercicio
 permita o Ceo que seja minha sorte
 Para subir, & não cair na morte.

Ay morte, & como vens teu passo a passo
 Entrando que eu te vejo, & te conheço
 Detête morte por pequeno espaço
 Que logo liure o campo te offereço.
 Dame tempo que entenda o mal que passo
 Ser pouco, para o muyto que mereço
 E para que com lagrimas alcanse
 Perdão de culpas, & meu Deos amanse.

Mas ay que vejo a hum, & outro rio
 Secos co ador, & aspero tormento
 Sinal que vem entrando o ardente estio
 E que o verão está em passamento.
 Mas por mais que se seque a vea, & fio
 Do chorar, não se seca o sentimento
 E o dezejo de chorar, aceyto
 Auezes mais de Deos que o mesmo effeyto.

CANTO

Para aqui Virgem pura o bello rosto
 Voluei, que hum triste volo roga, & pede,
 A dor em tal estremo me tem posto
 Que já por todo sofrimento excede.
 Estou no fim, não quero errar o posto
 Que mil vezes a mil sem vos succede,
 Sede Sibyla a este que desmaya
 De lugar tão escuro à saluo Saya.

Enuoltas de continuo em hum suspiro
 Estas lagrimas tristes vos presento
 Que deste coração cansado tiro
 Com aforça cruel de meu tormento.
 Estes bais com que os ares corto, & firo
 Não os leue senhora o leue vento,
 Que vos o templo scys no qual Athenas
 Offerecia lagrimas, & penas.

Aqui lhe corta o fio dos queixumes
 Isabel, porque já nalma os sentia
 Tendo em final os dous fermosos lumes
 Arrasados em agoa que vertia.
 Coytado porque choras, & consumes
 Isso que tens de vida, lhe dizia,
 Alegrate que Deos está com tigo
 Quando cuidas que o tens por inimigo.

A isto

A isto os olhos leua o triste ao alto
 E logo os recolheo com muyta pressa
 Como quando no tempo de lux salto
 O relampago faz que a vista esqueça.
 E com este ditoso sobre salto
 Mil chagas mostra, & quanto mal padeça,
 Ella como se forão rosas bellas
 Assim se vae, & arremeça a ellas.

Com brando toque as viuas chagas trata
 E como suas as recebe, & sente,
 Co liquido cristal, & fria prata
 Lhas vae lauando de alto brandamente
 Depois chum aluo lenço alimpa, & mata
 As reliquias de mal tão pestilente,
 Sem asco, & nojo, que se tem o tento
 Nellas, a outros voa openfamento.

E como ella contente nunca seja
 Co pouco, que os excessos nisto estima,
 Mil vezes lhas abraça, & mil lhas beija
 E co tepido alento lhas amima.
 E achando occasião que achar dezeja
 Desta sorte o esforça, & o anima,
 Que a consideração que se auienta
 Commumente em palauras arrebeta.

CANTO

Chagas que me fazeis viua lembrança
Das bellas chagas de meu doce amado
Donde me nasce certa confiança
De se curar meu coração chagado.
Prezai a grande gloria que se alcança
Nesse pouco que tentes lastimado
Pois hum pouco tormento, & dor pequena
Contentamento eterno vos ordena.

Não ponhais vos o s olhos no mal graue
Que padeceis, no troco delle os ponde
Que tudo o laurador acha suaue
Co premio com que o campo lhe responde.
Por mais q̄ obrauo mar leuante, & agraua
As altas ondas onde a barca esconde
Atempestade julga por bonança
Do dezejado porto a esperança.

Aquelle que Deos ama, esse castiga,
E com maior amor então se acende
Ou porque veê que desta sorte obriga
Que torne sobre si, & auida emmende,
Ou chũa leue dor, & vaà fadiga
Isentallo de mil dores pretende
Que elle nos tem deixado por memorias
Nem dous infernos dar, nem duas glorias.

Leuanos Deos os gostos muytas vezes,
 Quando mais lbes queremos, & os amamos,
 E com elles nos tarda annos, & mezes
 Para ver se outraues nelle os buscamos.
 Mas nos com estes dannos, & reuezes
 Mais lbe fugimos, mais nos arufamos,
 Elle cos bens de longe nos acena
 Por nos leuar à mão tudo isto ordena.

Quer que sejamos como na espessura
 Co Mauro caçador a Tigre fera
 Os filhos lbe roubou da cona escura
 E vae fugindo a Nao que perto espera.
 Ella que fora delles pouco dura
 Achando a cama sò logo se altera
 Corre, segue, entra, mar, & ondas despreza
 E a vezes cos filhos fica preza.

Està na mesa o mestre delicado
 Para cortar a tela ou seda fina
 Olhando para hũ lado, & outro lado
 Não achando a thesoura se amofina.
 Bate rijo na mesa obraço irado
 Para que onde estiuer responda, & tina,
 Assi lbe Deos no corpo dâ apancada
 Para que alma suspire lastimada.

CANTO

A conteced vos já stardes chamando
 Alguem que vos não falla, & se retira
 Is por detras, & daislbe rijo, ou brando
 Culpandoo por que nunca vos cuuira.
 Elle com sobre salto ladeando
 O corpo, para vos os olbos vira,
 Chamanos Deos, & nunca lhe acudimos
 A tê que sobre nos sua mão Jentimos.

V'è arrufado abranda Mãy, ou ama
 O minino amor seu, & seu bem certo
 Hũ feo negro por remedio chama
 E dizlbe que se chegue a elle perto.
 O minino com medo chora, & clama,
 Para quem fugirá em tanto aperto
 Fugindo vae para os abertos braços
 Da doce May, que nunca achou escassos

Podeis seguro andar, que bom escudo
 Leuais na marca desse bem tamanho
 Que vos pôs Christo, qual pastor sesudo
 Custuma por â todo seu rebanho.
 Que se Caym temia morte em tudo
 Foy por que era já feyto gado estranho,
 E gado, que de tal pastor se parte,
 Com razão teme lobo em toda aparte.

Aqui novos espiritus recebe

O desmayado enfermo, & nouo alento
 E na alma hũ grande amor de Deos concebe
 Que este era de Isabel primeiro intento.
 Como christão à morte se apercebe
 Tendo em pouco seu aspero tormento
 Mas quando por sinaes da morte espera,
 Sò vêe sinaes das chagas que teuera.

F 2

CANTO

CANTO

CANTO

QVIN-
TO.



*E muytos o deserto, & soydade
Para mor segurança foy siguida
Que alli se augmenta mais a sau-
dade*

*Co a magoa do desterro, da outra vida.
Razão sobeja tem para que agrade
Poys não se acha ally cousa que lhe impida,
Tratar com Deos, & cegos para tudo
A mente empregão neste santo estudo*

*Tè da lux fogem do sereno dia
Metidos nhũa escura, & fria lapa,
Qual as Aues gentis de altenaria
A quem ocaçador os olhos tapa.
Porem quem neste trafego se cria
Ceuando os olhos em tão largo Mapa
E conuersa no Ceo com a lembrança
Sey que sabe Isabel que gloria alcança.*

Ainda

Ainda que no cume do mais alto
 Estiueffe Isabel posta, & sentada
 Tambem là do desgosto, & sobresalto
 Que leues pennas tem, foy perturbada.
 Não hã lugar no mundo aonde affalto
 Não dê o pezar, & tenha nelle entrada,
 Que hũ soò Olympo se acha onde nã chegão
 Ventos, nem nuues, tudo o mais carregão.

Cem mil desgostos, & descontos teue
 Com Dinis, que lhe rompe a fê diuida
 Que em passatemplos de mancebo leue
 Que não conuem a l'ũ Rey, emprega a vida.
 Hũ doce, amargo fugitiuo, & breue
 De fermosas Syrenas o conuida
 E da propria consorte assi se esquece
 Que ja quasi a desama, & aborreçe.

Mas ella quanto mais fraco lhe sente
 O amor, com mor fogo por elle arde
 Que quando he verdadeiro não consente.
 Que inda que lho não tenham, se resguarde.
 Antes hê como sombra do Occidente
 Que crece quanto o Sol vae mais na tarde,
 Regra daquellas onde amor chũ noò
 Fez de dous corações, que fosse hũ soò.

CANTO

Como seus filhos próprios lhe criava
 Filhos alheios, que elle lhe deuia
 E com tanta brandura lhos tratava
 Que elle se ennergonhava, & confundia.
 Com isto dentro em si de modo entrava
 Que deu de mão à quanto antes seguia,
 Que hū exemplo como este pode tanto
 Que faz nhū coração rebelde espanto.

Mas ainda que certo da virtude
 Da consorte, que o Ceo pintou de siso
 Hūa sospeita mal fundada, & rude
 Concebe em sua quebra, & perjuizo.
 E para que já mais della se mude
 Não faltou hū peruerso, & vão juizo
 Que com odio danado, & triste enueja
 Lhe faça crer que verdadeira seja.

Porem o Ceo que sempre atras diante
 E nella se reuê como em espelho,
 Não consentio ficasse triumphante
 Tão danada sospeyta, & tal concelho.
 Como quando no Sul tormenta instante
 Prognostica de nuues o aparelho
 E já quando dos ares ameaça
 Sopre hū norte sereno que adesfaça.

Quem não ouuiso daquelle forno ardente
 Onde este falso concelheiro se arde
 Que passar sem castigo não consente
 A culpa Deos, por mais que hũ tempo tarde.
 E por mais que se esqueça do innocente
 Não se esquece de sorte, que o não guarde,
 Vede as bolas trocadas neste jogo
 O Rey confuso, lũ liure, outro no fogo.

O seu Thesouro tem por mais seguro
 Isabel, onde viue co a memoria
 Que lhe serue de firme, & forte muro
 Para alcanzar nos Ceos doce victoria.
 Dã na terra com zello santo, & puro
 Thesouros, que despois acha na gloria,
 Assim na terra alcança o corpo a palma,
 Que nos Ceos alcançou a ditosa alma.

Da mão esquerda, a mão dereyta encobres
 Que tão honesto, & tão santo exercicio
 A Deos sò que te cobre, lho descobres
 Tornando seu officio, por officio.
 Entregas o que tens na mão dos pobres
 Que te fazem no Ceo rico edificio,
 A onde viuiras leda, & contente
 Sem pezares, & nojo eternamente.

CANTO

E por que acharidade está conjunta
 Com outra que nos Ceos lhe corresponde
 Hũa dia quando mais dinheiro ajunta
 Que naba leua, & do marido esconde.
 Encontra el Rey com ella, & lhe pergunta
 Rainha que leuais, & ella responde
 Com as faces coradas, & fermosas
 Para fazer grinaldas leuo rosas.

Bem dizes Isabel, co as rosas bellas
 Que leuas encubertas nessas fraldas
 Tè estão Anjos tessendo outras capellas
 De perolas rubis, & de es meraldas.
 Mas que digo de pedras? pois de estrellas
 De summa gloria são essas grinaldas
 Que te tecem nos Ceos os Anjos bellos
 Para porê sobre esses teus cabellos.

Com a vista de el Rey se sobrefalta
 Mas tendo em Deos a confiança posta
 Que nunca a quem o segue em nada falta
 Deu por elle guiada esta resposta.
 De cor de rosas a cor propria esmalta
 Donde na prata foy a cor tresposta
 Com a boca mudou a prata em rosas
 Outras deixando nella mais fermosas.

Não foy tão prestes conuertida em louro
 Abella Daphne com suas viuas cores
 Nem tão prestes Narcisso branco, & louro
 Em flor o conuerterã seus amores.
 Quam prestes Isabel a prata, & ouro
 Com dizer flores, são conuerte em flores,
 Que tudo hũa virtude santa pode
 Quando Deos cõ diuino braço acode.

Quantas vezes ardendo fogo viuo
 De cobiça no filho inobediente
 Que com animo fero mais que altiuo
 Reynar o Pay não sofre nem consente.
 Indo laurãdo mal tão excessiuo
 Quando remedio já nenbũ se sente
 Isabel compõem tudo, & tudo assenta
 E mete paz em guerra tão isenta.

Qual quando a celebrada grande Ilena
 Principio do segundo bem que temos
 Vendo o triste naufragio que lhe ordena
 Thetis com tal furor qual nunca lemos.
 Lansando hũ crauo â torna tão serena
 Que pudera passalla à leues remos
 Soube fingirse o mar brauo, & estranho
 Para ganhar hũ preço, & bem tamanho.

CANTO

Junto da triste, & misera corrente
 De Cecyto inameno estava hū hora,
 Thesiphone cruel, que muyto sente
 Não reuoluer o mundo, & quasi chorã.
 Que a sede natural da humana gente
 Que nella sequiosa sempre mora
 Não permite, que hū sò momento esteja
 Sem a fartar nas fontes que dezeja.

Eis quando mais que o rayo q uando cae
 Mais que errantes estrellas apressada
 Das mal afortunadas ripas sae
 Para qualquer empreza aparelhada.
 Não há das sombras vaãs quem não desmae
 E tema a vista da senhora irada,
 Que por campos de gente viua, & morta
 Chega ao limite da Tartarea porta.

Há hū lugar que Tenero pregoa
 A gente Inachia, aonde se leuanta
 Co a temida cabeça, & o ar atroa
 Malca spumosa quando se quebranta.
 Está o altiuo cume, onde não soa
 Sopro de vento, nem trouão espanta,
 Nem o voo da mais ligeira pcuna
 Em aruore descansa, ou ninho ordena.

O meyo tem as nuues, tem os ventos,
 Nenoa, chuua, trouão, rayo, Corisco,
 Por aqui vão ao carcer de tormentos
 As alas apagar ao duro fisco
 As diuidas de seus contentamentos
 Que enfim haõ de passar por tanto risco,
 Por aqui sae a furia embravecida
 A meaçando morte à toda a vida.

Sentio a o dia, & logo a noyte escura
 O cobrio com espesso, & negro manto,
 Temeõ la longe o Athlas, & procura
 Sustentarse, que inclina o Ceo co espanto.
 E subindose alli na mor altura
 Vendo o mundo, contentalhe este canto
 de Portugal para aqui logo voa
 Amedrentando a terra, & o ar atroa.

Chegando à nosso clima, & Orifonte
 Hã taõ medonho, & fero grito larga
 Que se aballou da estrella o alto monte
 E todo se inclinou para bũa ilharga.
 Mas o da Lua que tomou defronte
 Co mar partio, da mais pesada carga,
 Das bellas Nymphas teme a turba toda
 Que anda pello cristal dansando em roda.

CANTO

Eis logo hū furioso mouimento
 Entra, o peyto de Afonso perturbando,
 Tras delle a triste enueja em seguimento,
 Em seguimento della, o amor de mando,
 Amor de mando de ley toda isento
 E que dereito quebra como, e quando
 Julga melhor cortando como injusto
 Por firmes alianças de amor justo.

Qual o Hebreo mancebo lindo, e bello
 Para seu mal que contra o Pay conjura
 E da gloria de seu louro cabelo
 O Ceo no meyo do ar o dependura.
 Onde por marauilha quiz prendello
 Para ser de loab triste a ventura
 E por mais que presguarda do pirigo
 O brando Pay, de Deos teue o castigo.

Determinando em fim sua maldade
 Com caricias, e afagos gente ajunta
 Resiste o Pay mas não se persuade
 Possa ser, e mil vezes o pergunta.
 Mas rota já de todo a lealdade
 A vergonha de todo já defunta
 Em tanto apreto poem o Reyna triste
 Que ja seu bem no maior mal consiste.

Tal como quando o laurador pretende
 Meter no jugo o touro brauo, & cego
 Co velho boy que manso o collo rende
 E do trabalho faz alegre em prego.
 Elle indignando o pezo, o outro offende
 Leua o jugo tras si confunde o rego
 E neste desusado, & nouo aperto
 Está suspenso o laurador incerto.

Estão os esquadrões de frente, a frente,
 E longe cada qual o temor bota
 E já se vee pello ar de outro Orifonte
 De Abuytres feros sanguinosa frota.
 Que ora assombrando o valle, agora o monte
 Espera pella misera, & triste rota
 Sente Isabel, & quam depressa pode
 Atamanho deastre logo acode.

Chegando ao duro campo que cuberto
 De armada gente estaua em proprio dano
 Não crendo tanto o mal que vio de perto
 Caio no verdadeiro desengano.
 Estende por aquelle desconcerto
 Os olhos tristes, & do peyto humano
 Estas palavras lastimosas solta,
 Com voz em brandas lagrimas enuolta.

CANTO

Hè possivel, que veja o mal que vejo
 A isto me trouxestes dias tristes
 Não me leuareis nhũ melhor ensejo,
 Quando algũ hora alegre me sentistes?
 Olhay em que parou hũ vãõ dezejo
 Vos outras, que tambem filhos paristes,
 Dezejei filhos, filho do Ceo tiue
 Que para minha pena, & magoa viue.

Quê isto Portugal que determinas,
 Contra tuas entranhas te embravesces?
 Quinas de Portugal, contra outras quinas
 A ti proprio desamas, & aborreces?
 Não te moue teu sangue: não te inclinas
 A tua piedade, em sede creces
 De tua desestrada propria morte,
 Contra ti mesmo te assinallas forte?

Que faras triste filho, se te achares
 Co Pay diante do sanguino braço,
 E tu Pay, se co filho te encontrares
 Que faras nesse lastimoso passo?
 Firir, crueza, & quando a tras tornares
 Couardia, confuso então te faço,
 Mas ay temo crueza nunca usada
 Que atras não torna mais a nua espada.

Que

Que dirão quando virem que por nada
 Por hũ pedaço de pequena terra
 Que por morte ha de ser em fim herdada,
 Amor, & obediencia se desterra.
 Que seria se fosse demandada
 A parte que o Sol vê quando se encerra
 No largo mar, & quando do Oriente
 Mostra a dourada face á Occidente.

E aquella tambem que longe toca
 Com rayo obliquo ou agelada, & fria
 Conorte, ou a mais quente com aboca
 Do Sul, ou quanto enfim conhece o dia.
 Se a tanto isto tão pouco vos prouoca
 Quam differente então tudo seria,
 Mas ay que digo, se co a mesma sede
 Hũ sò ponto da terra oje se pede.

O terra aqui te chamo, & te saúdo
 Pondo os olhos em tão mortaes extremos
 Quero louuarte, es terra May de tudo,
 Quanto abaixo do Ceo criado vemos.
 O animal mais nobre, & mais sesudo
 Que por senhor de tudo em tudo temos
 De ti se fez, como ficou memoria
 De teu principio veo à tanta gloria.

CANTO

Em ti como em deposito tem posto
 Os homens que tanto ama o Deos benino,
 Para que assi mereção ver seu rosto
 E subillos ao reyno cristalino.
 Em ti podem ganhar eterno gosto
 Podem tambem perdello de contino,
 E para no Ceo terem doce vida
 Hê necessario ser em ti perdida.

Pois de que graças, de que glorias nobres
 De que lindos esmaltes de que cores
 Que comparados são baixos, & pobres
 Os arreos gentis dos Reys maiores.
 De que riquezas mil te ornas, & cobres
 Para prazeres de huns, & de outros dores
 Quã segura que estás em proprio assento
 Andando sempre os Ceos em movimento.

De verde esmalte, & naturaes boninas
 Vestida no verão nos appareces
 Em mil rios, & fontes cristalinas
 Toda te vas, & toda desfalleces.
 De mil prezadas, & preciosas minas
 De ouro, & de prata fina te enriqueces
 De mil suaves fruytas pomos bellos
 Que aueillos folga o gosto, & os olhos vellos.

Quam

Quam fermosa, & agradauel que appareces
 Quando o Sol na manha à co alux te doutra
 Mostrando ao laurador as louras messes
 Soberbo dom, de Ceres branca, & loura.
 Por seu trabalho o dobro lhe offereces
 Muyto pouco te deu, muyto atbesoura
 E porque a gratidão que tem lhe creas
 A seus boys faz capellas das pauas.

E para que com tudo satisfaças
 E atè nas siluas prestes, & montanhas
 Quantos animaes crias, quantas caças
 De varios gostos defeições estranhas.
 Para que a fortes exercicio faças
 Leões, & Tigres, d'asperas montanhas
 E para que tambem aos mais agradeas
 De prato, & mesa tantas variedades.

Em tudo liberal em tudo larga
 Que sò de larga, & liberal te prezas,
 Triste do que inuentou carga, por carga
 Que vilezas causou, & que pobrezas.
 Que pesada lembranca, & quam amarga
 D'aquella idade em que as comuns riquezas
 Partião entre todos igualdade
 Bem gouernada, & mal lograda idade.

CANTO

Não foy a culpa tua santa terra
 Que tudo produzistes sem tributo
 Mas hũa vãã cobiça, que sempre erra
 Foy causa de hũ governo infame, & bruto.
 Hũ vãõ dezejo que a razão desterra
 Pos valia, & balança no teu fruto,
 Fez que siruissẽ huns, outros mandassẽ
 Huns fossẽ Deoses, outros adorassẽ.

Porque não te abres, & souertes terra
 A quem tyrannisar te assi procura,
 Igualle o valle co a subida serra
 E se eu sou, em mi caya a sorte dura.
 Lá nenhũ esquadraõ se fecha, & cerra
 Nem d'armas nem de espada ou lança cura,
 Soltãõ os elmos, largãõ as visciras.
 De obediencia mostras verdadeiras.

Todos a seguem, todos reconhecẽ
 Seus concelhos de mais seguro acerto
 Huns o castigo pedem que merecẽ,
 Outros desculpa daõ do desconcerto.
 Mas ella quando vio que todos crecẽ
 A recebella fora já de aperto
 Aonde acharei, clama, o inimigo
 Que parj meu, & como a filho figo.

Elle que perto andava, ouuindo o brado
 Da May, assi se altera, & sobressalta,
 Qual Curiolano quãdo em campo armado
 A propria patria por vingança assalta.
 E resistindo â tudo o peyto irado
 Contra rogos da May forsa lhe falta.
 E quem não abriria à quella o peyto
 Que à minino lhe pôs na boca o peyto.

Humildade perdão pede da ousadia
 Dando de melhor filho segurança,
 Ella lhò dà que nelle se confia
 E do agrauado Pay tambem lho alcança.
 A todos foy alegre aquelle dia
 E muyto mais alegre acsperança
 De outros melhores dias, que o presente,
 Que hũ feliz dia não vem so contente.

Quem teuera o descanço, que pretende
 Encontro da cruel fortuna ingrata
 Cantara mil milagres, que defende,
 O mundo reconhece, louua, & trata.
 Mas quem na vida, & seu remedio entende
 Não compra ao tempo hũ hora tão barata,
 Que se possa alargar mais do que pede
 Obrigação fatal de fome, & sede.

CANTO

Perdoaime Isabel, que meu dezejo
Era leuar ao largo vossa vida
Mas pois com fraco vento abarca reio
Nã sairei da barra conhecida.
Largo caminho a o mar alcanço E vejo
Com prospera bonanca me conuida,
Mas pois o tempo he curto, nem modestes
Daimo senhora vos, que eu estou prestes.

Nã vos peço riquezas, nem bonanca,
De Midas, do Romano Crasso, ou Crespo
Mas hũa mediania que se aloansa
Facilmente, que nã pretendo excesso.
Quando nã, hũ repouso, & segurança
De estado de qualquer pequeno preço,
Porque nã hã estado mais pezado
Que viuer hũ incerto sem estado.

CANTO

CANTO

SEXTO.



Mor te, q̄ apòs nòs ligeira corre,
 A cujas ondas q̄bra todo e leme,
 Acujo v̄eto a mais soberba torre
 Se aballa, abre, arruina, inclina,
 E treme.

Sò pello incerto fim pezada ocorre
 Mas se do incerto fim pouco se teme,
 Quem na vida entra, e logo a viè perdida
 Tal hê, quem sae qual entrou na vida.

Antes he de mor gloria este segundo,
 Que morrer quando nasce foy ventura,
 Mas qual nasceo deixar a vida, e mundo,
 Hê braço forte, que vencer procura.
 E se a razão não valem que me fundo,
 Vede quanto Isabel pode ir segura,
 Pois naquella innocencia pura, e bella
 Que entrou na vida, se despede della.

CANTO 2

Cantei a vida, & canto a morte agora,
 Neste pequeno tempo, que me occorre,
 Auendo de choralla se outra fora,
 Mas sua morte apar co a vida corre.
 Que se bê a vida qual o mundo adora,
 E a cuja memoria se socorre,
 Qual serâ a morte, que de nos a esconde,
 Pois com a vida sempre corresponde.

O arco que destorsa, & rende tudo,
 Em estremos armado tinha amorte
 E a seta cruel de fio agudo,
 Era hũa enfermidade dura, & forte.
 Hã dia o defarmou, & sem escudo
 A Isabel achou o fino corte,
 Cae passada de mortal firida,
 Para por ella ter immortal vida.

Aqui prouou amorte seus intentos,
 E o inferno sua va à potencia,
 Vendo, se com as dores, & tormentos
 A podião leuar de impasciencia.
 Mas ella, que sentio cometimentos
 Tão graues, esforçou a resistencia,
 Onde o inferno quebrou abnaua furia,
 Sentindo o danno, & redobrada injuria.

Fronteyra ao ceruleo mar borrendo
 A triumphante rocha se leuanta
 Onde as ondas furiosas vão batendo
 Cõe strondo, que o Ceo, & o ar se espanta.
 Mas ellas em escuma desfazendo
 Se vão, que a propria forsa se quebranta
 Cuidando desfazer a rocha viua,
 Que à seu brauo furor resiste alicina.

Como bonanças, & prosperidades
 Lhe não fezerã mais alegre o rosto
 Nem de males cerradas tempestades
 Lhe puderã causar leue desgosto.
 Não chegaram a ella aduersidades
 Que em mais alto lugar se tinha posto
 Andasse a roda leue, & desandasse
 Sempre nhũ ser, & de hũa mesma face.

Por mais velòs, & curso arrebatado
 Que inda passa oligeiro pensamento
 Que leue o Ceo de estrellas variado
 Que variando vae co mouimento
 Do primeiro lugar, & firme estado
 Nunca mudou ja mais o certo assento,
 Esse immudauel norte, para a guia
 Dos que o mar rompem sem a luz dodia.

CANTO

Vinde males dizia, que estou prestes
 Bem vedes quam benigna vos recolho
 Vinde males, que pois nunca pudestes
 Acouardarme o campo não vos tolho.
 De pouco vigor são, meu senhor estes
 Pois me lembra q̄ em vosso sangue os mollo
 Com esta pasciencia os rebatia
 Que todo o encontro graue ella desuia.

Quando o mar no alto pelago se empolla
 Por mais que do profundo abismo saya
 Sò brama quando as ondas desenrolla
 Em brava costa, ou tempestuosa praya.
 O fero Austro, que tudo arraza, & assolla
 Se não dà por carualho, Cedro ou faya,
 Humilde falla, & menos se responde
 E quasi seu furor pello ar esconde.

Executa sua ira deshumana
 O mesmo vento em qualquer tronco grande
 Do qual triumphã a leue humilde cana,
 Que com elle se vae inclina, & brande.
 Tal no meyo do arroyo a espedana
 Por enuolta que em suas agoas ande
 Dobrase, & não se quebra na corrente
 E maior forsa na fraqueza sente.

Evendo que da vida a vltima hora
 Se lhe a vizinha mais cada momento,
 E que doutra cor pallida se cora
 Perdendo pouco, a pouco o fraco alento.
 Das lembranças do mundo longe, & fora
 Fora de todo humano pensamento,
 Nestas palauras rompe soltas d'alma
 Que começa a deixar o corpo em calma.

Ià se quebra senhor o fraco fio
 Da vida, que tégora me emprestastes
 Secão se as agoas deste claro rio
 Que là de vossa fonte deriuastes.
 Em vos cõ tudo espero, em vos confio
 Lhe deis outra melhor pois ma leuastes
 Que da condição vossa he certo fruyto
 Tomardes pouco para dardes muyto.

Vivi, & acabei esta jornada
 Contente vou, não fujo nem resisto
 Fuy Rainha, de filhos May chamada
 Mulher de hũ Rey tão alto, & tão bẽ quisto.
 Mas sedo me verei em podõ tornada
 Triste se me não tenho d'antes visto
 Que quem morta quer ser Rainha altiua
 Hà se de ter por podõ, & nada em viua.

CANTO

Sentença foy heroica, & subida
 D'algun entendimento illustre, & alto
 Que assi como para esta triste vida,
 O ventre nos prepara estreito, & falto,
 Assim esta despoys de possuida
 Para a vida sem dor sem sobresalto
 E todo o nascimento da crianca
 Hê da morte retrato, & semelhança.

O, enuoltorios vijs despe nascendo
 Com que no ventre andou sempre cuberta
 E nua sem abrigo apparecendo
 Cae de todo obem, & mal incerta.
 Desta maneira o homem vae morrendo,
 Para a coua morada amiga, & certa,
 Ay miseria mortal não conhecida
 Não sei por que se estima tanto a vida.

Nasce o homem ao tempo limitado
 Que a Natureza assenta, & lhe assigura,
 Porém com mil pirigas tão cansado
 Que a May de hũ leuc fio dependura.
 Despois de malogrado ou bemlogrado
 Que ninguem nesta vida muyto dura
 Por tantas dores possa quando morre
 Que piriga se Deos lhe não socorre.

Como as feições gentis, forma, estatura,
 Disposição do corpo, & forsa pende
 Da quella formação, & compostura
 Que no ventre se faz, & se comprende.
 Assim a condição, & fermosura
 Da vida, da alma quando o corpo a rende
 Lâ no mundo immortal seguro, & eterno
 Pende das obras deste, & seu governo.

Qual teue nesta vida a natureza
 Tal o animo he là em outro estado,
 Vil, baixo, miseravel se em torpeza.
 E de leites carnaes contaminado.
 Felis, alto, excellente, de nobreza
 Immensa, generoso, alevantado
 Se em virtudes, & santos mouimentos
 Occupou as accões, & pensamentos.

E como vê mil cousas diferentes
 Quando de si ao mundo o ventre o lança
 A lux do Sol cos rayos transparentes
 Que enchê de fermosura quanto alcança.
 Assi como dos membros descontentes
 Alma voou ao Ceo sua esperança
 Que maravilhas vê de gloria tanta
 Se espanta cabe então como se espanta.

CANTO

Alegrate sublime entendimento
 De nossa alma mais uobre, & alta potencia
 Que muy cedo teras conbecimento
 Mais claro, & puro da diuina essencia.
 Verdade hê, que no vil, & terre assento
 Tinhas em algum modo esta sciencia
 Mas era por espelho, & por iunna
 Rosto, a rosto, veras a Deos em sima.

O' homem se souberas conbecerte
 Quom quanta differença, te estimaras
 E como recearas de perderte
 E ganharte de siso procuraras.
 Quem pode teu juizo escurecerte
 Que assi te deixas, & te desamparas
 E tão cego caminhas sem gouerno
 Como bruto animal, ao fogo eterno.

De quantas criaturas tem formado
 Corporeas adiuina sapiencia
 Nenhã como o homem no criado
 Ornou de tanta graça, & excellencia.
 Porque elle sò conbecce seu estado
 E á nenhã deu esta sciencia
 Os animaes da terra dominando
 E os do mar, por elle manso, & brando.

Incorruptiuel hê o Ceo, de nobre

Materia feyto, cor fermosa & bella,

Mas por mais que està graça se descobre

A todo mundo elle não sabe della.

O Sol de sua gloria, he falto, & pobre

Pois dando resplandor à toda estrella,

E sendo Rey de todos os Planetas

Estas graças a elle são secretas.

O homem sò conhece o ser, que goza

Mas ay, que muytos obrão diferente,

Eu mil vezes felis, & mil ditosa

Se de meu nobre ser não viui ausente.

Porem vossa paixão misteriosa

Peço meu bom senhor tenhais presente,

E lembrouos o muyto que fezestes

Por mi, pois nhũa crux por mi morrestes.

E chegastes tomar por refrigerio

E alliuio de amor, morte tão crua,

Que nunca descansou neste misterio

Tê não ver vossa carne rota, & nua.

Aqui deixou co a vida este hemisperio

Para que outra melhor no Ceo possuua

Ficando com a morte acor perdida

Qual rosa co mau Sol murcha, & caida.

CANTO

De tres estados foy retrato nobre,
 De verdes annos santa de minina,
 Do matrimonio a onde se descobre
 Não se achar nas virtudes pirigrina.
 Não foy como o Iordão, que no salobre
 Lago, perde seu doce em Palestina,
 Mas foy como outro rio cujo nome
 Entra viuo no mar, que todos come.

Nella espelho tem claro, & cristalino
 As que em clausura amor diuino enserra,
 Que entregando se toda ao amor diuino
 Depois que dom Dinis o amor enterra.
 Troca em sacco, & cilicio o traje fino
 E o cabelo corta, & lança em terra,
 Felis perde Sansão a força, & Niso
 O reyno, & ella ganha o paraíso.

Em Coimbra Cidade de alto assento
 Que de Athenas roubou agloria, & fama
 Nhũ lugar â que deu o fundamento
 E que de Clara se intitula, & clama.
 De mil graças do Ceo nobre aposento
 Onde tambem o Mundo mil derrama,
 Iaz sepultado o corpo bello, & puro
 Tras procelloso mar porto seguro.

Afermos a alma ainda que lhe agrade
 A casa onde viveo tão pura, & bella
 Voando vae ao Ceo com saudade
 Se saudade então pôde ter della.
 Com musica de estranha suavidade
 Pisando hũ Ceo, & outro hũa, outra estrella
 Está gozando a quella summa gloria
 Onde oje de seu Reyno tem memoria.

Sorte felis, de todos dezejada
 E que â muytos por alto passa, & erra
 Rainha câ no mundo foy chamada
 Nem o Ceo este nome lhe desterra.
 Qual Iris de mil cores variada,
 Que tras hũ pê no mar, outro na terra
 Ou qual do Simulacro a imagem bella
 Que tẽ nhũa mão rossa, & outra estrella.

Pintauão esse moço fero, & brando
 Que com ser cego nunca tiro perde,
 Como do mar & terra triumphando
 Na mão hũ pexe, & noutra hũ ramo verde.
 Quem ouue de mor ceptro, & largo mando
 Que em duas vidas, duas glorias herde.
 Com Dinis Portugal, com Deos os Ceos
 Herda Isabel, cos Ceos o mesmo Deos.

Tu foste

CANTO

Tu foste como aquella Axa fermosa
 Comparação muy propria, & opportuna
 Que ainda descontente do que gosa
 Dezejando do Pay melhor fortuna.
 Com lagrimas rega hũa, & outra rosa,
 E cõ brandos queixumes o importuna,
 O Pay della se doe, & se lastima
 Dalhe o campo de baixo & o de cima,

O Cidade famosa sobre quantas
 O mundo exalta, & Phaetonte doura
 Sobre todas soberba teleuantes
 Co alto penhor quedentro se atesoura.
 Com tua gloria o largo mundo espantas
 Nem já mais temas que esta gloria moura,
 Que ficara teu nome, & fama eterna
 A mal grado do tempo que agouerna.

Teue Troya por firme, & verdadeiro
 Para que algum conceyto nouo aponte,
 Tanto estaria o grande imperio inteiro
 A pezar do furor que veê de fronte.
 Quanto estiuessesse erguido, & sobranceiro
 O Sepulcro real de Laomedonte
 Cae o Sepulcro altiuo, & aquella gloria
 Da bella Troya, em misera memoria.

Aquella

Aquelle vello de curo donde crece
 O nome ao Pôto, q̄ Helle, & Pbrixo talha,
 Quando o temor do mar, que se embravece
 A faz cair por mais que o irmão trabalha.
 Em quanto a illustre Colchos enriquece,
 Esta soberba, & fama ao mundo espalha,
 Roubase, & cae o Ceptro com que arrea
 A mão, o Pay da magica Medea.

Aquella Aue, que os olhos no Sol fita
 Nem se abate cos rayos por mais que olhe,
 E nelle os proprios filhos exercita
 E julga adulterino, o que os recolhe.
 Quando o tempo já certo ao parto à incita,
 Para o plumoso berço, a pedra escolhe
 Que sobre lhe àbrandar do parto as dores,
 Lhe assigura de rayos seus penbores.

Não recees Coimbra ira de sima
 Nem faças conta da ira vã da terra,
 Que pois viua Isabel tanta se estima
 Que seu diuino corpo em ti se encerra.
 Não sofrerâ, q̄ a terra, & Ceo te opprima
 Por mais que ambos te fação dura guerra,
 Porque â da terra chũ aceno acode,
 E na guerra do Ceo chũ rogo pode.

CANTO

Se Sostris Rey do Egypto por lembrança
 De hũa filha, que a morte lhe roubara
 E por mostras do amor que inda o descansa
 Quando de pois de morta lho declara.
 Hũ sepulcro leuanta, & segurança
 Por titulo lhe poem, que tudo ampara
 Crimes que alli se acolhem no pirigo
 Isentos são de pena, & de castigo.

Quanta mór segurança nos promete
 Este Sepulcro de misterios cheyo,
 Onde Deos, este bello corpo mete
 Para ser de bens nossos certo meyo.
 Todo o mal seu furor aqui somete
 Não foy desconsolado o que aqui veyo.
 Que dentro deste marmor hã virtude
 Que as almas cura, & aos corpos dà saude!

Não mais o Musa minha que isto basta
 A quem tão pouco pode como eu posso
 Pois a fortuna em tudo me contrasta
 Tome a vela o deuoto intento nosso.
 Que quem sem fauor seu palauras gasta
 Por mais que por si tenha o fauor vosso,
 Em vão as gasta, & não hã mor tormento
 Que voz do coração leualla o vento.

Desestrado

Desestrado nasci logo em nascendo,
 A ventura que alcanço não me dura
 Se fuy hũ pouco os olhos estendendo,
 Quando torno não acho ja ventura.
 De sperar, em sperar, me vou detendo
 Mas mal procura, quem sperar procura,
 Quando em terra tão aspera, & tão seca
 O fruyto sempre da esperança peca.

Quem nos dotes d'ingenho se confia
 Noutro tempo de tanta estima, & preço
 Enfim, enfim, no cabo desconfia
 Vendo que vae do branco sempre auesso.
 Que a desventura o tiro lhe desuia
 Dando ao que vae perdido bom successo
 Cruel, que altos engenhos disbarata
 E que baixos benigna, & branda trata.

Basta que quem nasceo favorecido
 Das graças, & dos bens da natureza
 He regra, logo ser desconhecido
 Da fortuna que o encontra, & o despreza.
 Eu o vejo bem claro, hũ bem nascido
 De quẽ a May primeira, & o Ceo se preza
 O corpo tras à raastro como cobra,
 E pouca terra em muyto tempo cobra.

CANTO

Mas se o mundo me paga com memoria
 Paga em que ganho muyto, & pouco perde,
 Em pouco estimarei toda outra gloria
 Por mais q̃ as riquezas juntas berde.
 De lethes leuarei larga victoria
 E sempre se verá meu tronco verde,
 Que este supremo bem se alcança, & cobra
 Sendo mortal, faz me immortal a obra.

Isto nos quiz mostrar a Antiguidade
 Nhũ simulacro desta bella forma
 Tembã Lua em sua mocidade
 Que hũa cabeça dentro em si conformã.
 E como se entendia a eternidade
 Pella Lua, que sempre se reforma,
 Pella cabeça, que isto significa
 Toda a obra de engenho eterna fica.

Não serei como Anguilla, que se morre
 condição disigual do peixe todo,
 Do ceno triste, nunca acima corre
 Atè que se consume, & torna em lodo.
 Mas no Pegaso alado, que descorre
 Quanto o Sol mostra, por estranho modo,
 Qual outro do mador do monstro horrendo
 Pellas nuues, pello ar, irei rompendo.

Isabel

Isabel escolbi por mais conforme
 A este tempo da impia Isabella
 Para que sua vida tão enorme
 Se confunda com esta vida bella.
 E com exemplo seu esta reforme,
 Quanto co mau exemplo estraga aquella,
 Qual firido da rabida serpente
 Olhando a do metal, remedio sente.

Fim do Discurso sobre a vida, e
 morte de santa Isabel Rainha
de Portugal.

Seguemse Varias Tthymas.

H 3

SONETO.



Label escolbi por mais conformes
 Pagam q'ella de imp'ia de
 Emp'ia q'ella de imp'ia de
 Por mais conformes com esta
 Debe de ser esta de imp'ia de
 Quanto ao mais exemplo q'ella de
 Quanto a mais de imp'ia de
 Quanto a mais de imp'ia de

Fin do Discurso sobre a vida de

morte de Santa Isabel Rainha de

de Portugal

de

Seguinte a mais T'p'ia

de

S O N E T O .

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

SONETO. I.

AO DUQUE. C. A.

Dom Alvaro de Lancastre Duque de Aveiro.

Gloria do Edeficio, o louvor alto
Do que a ultima não lhe poem, se
dobra

Em desgraça daquelle, & magoa
da obra

Que no melhor lhe foy escasso, & falto.

Este de letras, com que ao Ceo me exalto

E que em mi vossa mão leuanta, & obra

Se sua perfeição por vos não cobra,

A todos causa magoa, & sobre salto.

Ia à que os andames da esperança minha

Não ha quem desfalle os oje possa,

Fazey com que este meu trabalho monte.

Vos sereis minha gloria, eu gloria vossa,

Ficando à vista as que eu já na alma tinba,

Vossas Armas reaes em minha fronte.

SONETO. II.

A. D. Manoel de Len castre.



A tenebrosa noyte o caminhante
 Quando o ar se engrossa, e o
 mundo todo atroa
 O tronco busca donde se coroa
 Da fugitiua Daphene o brando amante.
 Alli não teme o rayo fulminante,
 Por mais que na vizinha arvore soa,
 E seu louuor por onde vae pregoa.
 Tanto que a cerração co Sol leuante.
 Trabalha o Ceo em minha fim, trabalha
 A terra em minha fim, cõ furia immensa
 Cada hora espero pella derradeira.
 Onde me acolherei que alguem me valha?
 A vos, a quem não quer fazer offensa
 O Ceo, nem pode a terra, inda que queira.

SONETO.

SONETO.

4 H

SONETO. III.

A D. Fernão Míz Mascarenhas
quando ofizerão Bispo.



Spanta crecer tãto o Crocodilo
Soð por seu acanhado nascimêto
Que se maior nascera, mais isêto
Estiuera d'espãto o patrio Nilo.

Em vãõ leuantarã meu baixo stillo

Vosso Pontifical nouo ornamento,
Pois no ventre o immortal merecimento
Volo talhou, para despois vistillo.

Tardou, mas veyo, que à quem mais merece
Muyto mais tarde vir o premio he certo,
E sempre tarda, inda que venha cedo.

Os Ceos que do primeiro estão mais perto
Mais de vagar se mouem, quem soubesse
Trãs d'aquelle segredo, este segredo?



SONETO III.

Ao Reytor Antonio de Mendonça.



Este arduo Laberinto onde me
 guio,
 Sem esperança alguã de saída
 Mostrai seõor o fio à minha vida
 Pois esta minha vida jáa no fio.
 Incertos passos, horrido desvio,
 Medonhos ares, confusão crescida
 Ma trazem cõ temor desfallecida,
 E della jáa de todo desconfio.
 A vos soõ tem minha esperança morta
 Se morta pode ser hũa esperança
 Que vos tem viuo, e largos annos tenha
 Se espera mal, e ser queymada importa
 Por crer mais do que pode, e cã se alcança
 O fogo ponde, que eu lhe ajunto a lenta.

SONETO